

MANIFESTO ELEITORAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

- ☆ Os fatos revelaram o que valiam as promessas de Vargas — mentira, engodo e mistificação.
- ☆ O povo deve fazer uma justa escolha dos candidatos. Não julgar cada partido e cada candidato apenas pelas palavras, mas pelos atos, pelas posições tomadas diante dos grandes problemas nacionais e das questões de maior interesse popular.
- ☆ O Partido Comunista do Brasil está convencido de que é possível organizar uma ampla coalizão de forças patrióticas e democráticas que incorpore operários e camponeses, a intelectualidade, a pequena burguesia e a burguesia nacional.
- ☆ Através de comitês democráticos eleitorais será possível organizar em torno de uma plataforma comum pessoas de todas as tendências políticas e das mais diversas opiniões, de todas as classes e camadas sociais.
- ☆ Estamos prontos a entrar em entendimento com todas as forças políticas e correntes patrióticas que queiram unir-se em torno de uma plataforma democrática a fim de derrotar eleitoralmente as forças da reação e do entreguismo.
- ☆ Todos às urnas para defender a democracia, a paz e a independência nacional.

BRASILEIROS! TRABALHADORES!

Aproximam-se novas eleições. A 3 de outubro, serão eleitos os representantes ao Congresso Nacional, às Assembléias Legislativas Estaduais e às Câmaras Municipais, bem como numerosos governadores e prefeitos. Trata-se de um acontecimento político da maior importância e que interessa a todo o povo. Milhões de brasileiros, através do voto, poderão proferir seu julgamento sobre o governo e os partidos políticos, sobre seus atos e realizações nos últimos três anos.

Que realizaram, nesse período, os homens que têm a responsabilidade de dirigir o país?

A resposta a esta pergunta está diante de todos. Está na catastrófica situação econômica que o Brasil atravessa, na vida de miséria que leva o povo, nos frequentes atentados às liberdades democráticas, na submissão crescente dos governantes aos magnatas norte-americanos.

Na campanha eleitoral de 1950, o sr. Getúlio Vargas, então candidato à presidência da República, prometeu mundos e fundos. Baixar o custo da vida, vender a carne verde a quatro cruzeiros o quilo, combater os tubarões, aumentar o bem-estar da população — foi o menos que prometeu. Falava em defender a democracia, em assegurar os direitos sindicais, em realizar a reforma agrária, em enfrentar os monopólios norte-americanos. Anunciava que subiria o Catete com o povo.

Os fatos revelaram o que valiam as promessas de Vargas — mentira, engodo, e mistificação.

Durante o governo de Vargas tudo piorou para o povo. A vida tornou-se cada vez mais cara. Desvaloriza-se aceleradamente o cruzeiro, cai vertiginosamente o salário real, aumentam assustadoramente os preços dos artigos de consumo popular, dos alugueis de casa, dos medicamentos e dos transportes. Crescem os impostos extorsivos, os preços das matérias-primas, as taxas de ensino. Os lucros dos latifundiários e dos grandes capitalistas, os lucros das empresas dos monopolistas norte-americanos atingem cifras verdadeiramente astronômicas. Há empresas com lucros de 5.000%, confessa o diretor do imposto da renda!

No governo de Vargas deram-se os mais vergonhosos assaltos ao Tesouro Nacional e à bolsa do povo: as famosas rouboleiras de «Última Hora» e da CEXIM; as especulações com o café, em que amigos do ministro da Fazenda ganharam fortunas à sombra do «Esquema Aranha»; os escândalos com os dinheiros dos Institutos de Previdência Social; negociatas, como a rescisão do contrato de construção do túnel Laranjeiras-Catumbi, que determinou um prejuízo de 33 milhões de cruzeiros à Prefeitura do Distrito Federal, como os aumentos da COFAP nos preços do açúcar, do leite, da carne, como os empréstimos de favor no Banco do Brasil, como os desvios de verbas no Ministério da Guerra, etc.

O governo de Vargas é um governo de traição nacional. Sua política de completa submissão aos governantes norte-americanos manifesta-se em todos os aspectos da vida do país. O governo de Vargas firmou o ignominioso «Acôrdo Militar» com os Estados Unidos e, numa humilhação sem nome ao povo brasileiro e aos militares patriotas, entrega o controle e a supervisão das forças armadas brasileiras aos agentes fardados do imperialismo norte-americano.

Governo de latifundiários e grandes capitalistas, o governo de Vargas submete-se com um servilismo sem precedentes ao governo dos Estados Unidos, e faz dos representantes do Brasil no exterior lacaios do Departamento de Estado norte-americano. Na Confe-

rência de Caracas o ministro do Exterior do governo de Vargas não passou de mero executor das ordens do incendiário de guerra Foster Dulles. Mais descarada ainda foi a intervenção do Itamarati a favor das manobras diplomáticas com que o governo de Eisenhower tentou mascarar sua brutal intervenção à mão armada na Guatemala.

Brasileiros!
Trabalhadores!

O governo de Vargas recorre ao emprego da violência e do terror contra o povo. Revive as antigas leis reacionárias do Estado Novo e promulga novas leis antipopulares. Amordaça a imprensa e coloca a liberdade ao arbítrio de uma polícia de bandidos. Promulga a nova «Lei de Segurança do Estado», que anula todos os direitos democráticos inscritos na Constituição. Encaminha ao Congresso Nacional, com o título de «Lei de Fidelidade à Pátria», um projeto que tem por fim legalizar a perseguição aos funcionários públicos civis e militares que lutam pela paz e em defesa da soberania nacional. A pretexto de regulamentar o direito de greve, pede ao Congresso uma lei que anula essa prerrogativa e ameaça com severas penalidades os operários que lutarem contra a exploração patronal. Intervém nos sindicatos e, com a Portaria n. 20 do Ministério do Trabalho, restabelece o odiado atestado de ideologia. O governo de Vargas já prendeu, espan-

VOZ OPERÁRIA

N.º 273 — Rio de Janeiro, 7 de Agosto de 1954



cou e torturou a milhares de patriotas e democratas. A polícia assassina trabalhadores e jornalistas.

Para realizar essa política antipopular e de traição à pátria, o governo de Vargas conta com o apoio dos círculos dirigentes de todos os partidos políticos das classes dominantes. Reacionários empedernidos, como Ademar de Barros, Jucelino Kubitchek, Lucas Garcez, Etelvino Lins, João Cleofas, Amaral Peixoto, Café Filho, Juraci Magalhães e tantos outros procuram passar por patriotas e democratas, mas a todo instante revelam sua face de lacaios dos imperialistas norte-americanos. Dirigentes do PSD e do PTB, bem como a quase totalidade de seus deputados e senadores aplaudem a política de fome, de violências e de militarização do governo de Vargas. Dirigentes da UDN, do PSP e do PSB pretendem passar por opositores, mas proclamam e dão seu apoio à política de entrega do país aos monopolistas norte-americanos e de opressão e exploração crescente do povo.

Contra essa política lutam, porém, as grandes massas populares. A classe operária ergue-se em lutas memoráveis pela conquista de suas reivindicações. Crescem as lutas dos camponeses, dos estudantes, das mulheres e dos intelectuais. Une-se o povo para salvar a indústria nacional ameaçada pelos monopólios norte-americanos; pelo estabelecimento de relações com a União Soviética, a China Popular e os pa-

(CONCLUI NA PÁGINA SEGUINTE)

MANIFESTO ELEITORAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

(CONCLUSÃO)

ses de democracia popular; para impedir que as riquezas nacionais continuem a ser assaltadas pelos magnatas dos Estados Unidos; para proteger as mais caras tradições populares e o valioso patrimônio nacional nas letras, nas artes e nas ciências, ameaçado de liquidação pelos agentes norte-americanos; para resguardar a soberania nacional atingida por acordos e tratados colonizadores com os Estados Unidos.

Em face das lutas do proletariado e das massas populares, entram em choque os interesses dos exploradores, aprofundam-se as contradições que dividem e esfacelam os partidos políticos das classes dominantes e, em obediência às ordens de seus amos norte-americanos, a minoria reacionária que domina o país ameaça a nação com golpes de Estado e militares. Os políticos reacionários e os generais fascistas querem esmagar o movimento operário e democrático, querem implantar no país uma ditadura fascista, seja dirigida pelo próprio Vargas, seja a pretexto de luta contra Vargas. Tudo fazem, violam a Constituição, expedem instruções ilegais, etc., para impedir que os comunistas participem da campanha eleitoral e para tornar impossível o registro de candidatos do povo. Com receio cada dia maior das ações das grandes massas e de seu despertar político através da campanha eleitoral, do provável resultado do pleito eleitoral, manobram e tratam de intervir abertamente para impor a eleição de conhecidos reacionários e de agentes e lacaios dos imperialistas norte-americanos. Querem impedir o esclarecimento político do povo e aproveitar o ensejo para colocar nos postos de governo conhecidos agentes do imperialismo norte-americano, como Cordeiro de Farias e seus parceiros.

Brasileiros!

Trabalhadores!

Esta é a situação em que se vão realizar as próximas eleições. Cresce a impopularidade de Vargas e de toda a sua camarilha. Cresce o desprestígio dos círculos dirigentes dos partidos políticos das classes dominantes, cujos representantes no Congresso Nacional, nas Assembléias Legislativas Estaduais, nas Câmaras Municipais e demais cargos eletivos, com raras exceções, nada fazem em benefício do povo e em defesa dos interesses nacionais.

Partidos e candidatos lançam-se à mais torpe demagogia, convertem a campanha eleitoral num dilúvio de promessas fáceis que, como sempre, serão logo relegadas ao esquecimento e ao desprezo. Os mais conhecidos reacionários e os mais cínicos agentes dos imperialistas norte-americanos tratam de apresentar-se às grandes massas com as roupagens de patriotas e democratas, de amigos do povo, de «moralizadores», de «esquerdistas» e até mesmo de antiimperialistas.

Sob o atual regime, as eleições não passam de um meio para iludir as massas e esconder o caráter despótico do governo. Milhões de brasileiros analfabetos, assim como os soldados e marinheiros, estão privados do direito de voto e o Partido Comunista está impedido de utilizar sua própria legenda e de participar diretamente da campanha eleitoral.

É indispensável, no entanto, que as forças democráticas participem ativamente do pleito. É um dever patriótico fazer uso do direito de voto para levar aos cargos eletivos democratas sinceros, legítimos representantes do povo. É um dever patriótico utilizar a arma do voto para impedir que os politiquinhos lacaios dos governantes de Washington sejam levados aos postos eletivos. É preciso derrotar a minoria traidora que no Brasil realiza a política dos monopólios norte-americanos.

O povo deve fazer uma justa escolha dos candidatos. Não julgar cada partido e cada candidato apenas pelas palavras, mas pelos atos, pelas posições tomadas diante dos grandes problemas nacionais e das questões de maior interesse popular. Distinguir os

“Apelamos para todos, sejam quais forem os partidos políticos a que estejam filiados e as idéias que adotem, para que se unam para a luta pela paz, pela independência nacional, pelas liberdades democráticas e por melhores condições de vida para o povo. É preciso que o voto seja um voto contra a carestia da vida e contra a fome, contra a colonização do país pelos Estados Unidos e pela emancipação nacional, em defesa das liberdades democráticas e da paz. Esta é a plataforma política que pode unir todas as forças e correntes políticas interessadas no progresso do Brasil e no bem-estar das massas populares”.

que estão a serviço do povo e da pátria, dos traidores que se utilizam dos postos eletivos para defender interesses pessoais e apoiarem a política reacionária da minoria servil dos imperialistas norte-americanos.

O povo poderá fazer das eleições de 3 de outubro uma vigorosa manifestação de protesto, demonstrar sua repulsa ao governo de Vargas e à sua política de traição nacional, de miséria e reação policial. A derrota eleitoral de Vargas, dos políticos reacionários e dos demagogos a seu serviço constituirá poderosa manifestação da luta patriótica e da vontade de paz do povo brasileiro, de sua oposição aos assassinos que querem levar o mundo a uma terceira guerra mundial. A eleição de legítimos representantes do povo permitirá o ulterior desenvolvimento das lutas populares em defesa da paz, das liberdades e da independência nacional.

A campanha eleitoral deve servir para unir as amplas forças democráticas e patrióticas. As grandes massas populares devem ser mobilizadas e esclarecidas, devem ser alertadas para que não se deixem enganar pelos demagogos a serviço da reação e dos imperialistas norte-americanos.

O Partido Comunista do Brasil está convencido de que é possível organizar uma ampla coalizão de forças patrióticas e democráticas que incorpore operários e camponeses, a intelectualidade, a pequena burguesia e a burguesia nacional. Apelamos para todos, sejam quais forem os partidos políticos a que estejam filiados e as idéias que adotem, para que se unam para a luta pela paz, pela independência nacional, pelas liberdades democráticas e por melhores condições de vida para o povo. É preciso que o voto seja um voto contra a carestia da vida e contra a fome, contra a colonização do país pelos Estados Unidos e pela emancipação nacional, em defesa das liberdades democráticas e da paz. Esta é a plataforma política que pode unir todas as forças e correntes políticas interessadas no progresso do Brasil e no bem-estar das massas populares.

Dirigimo-nos a todos os patriotas e democratas, a todas as pessoas honestas que queiram emprestar sua energia e sua boa-vontade à luta para salvar a pátria e o povo da terrível situação em que se debatem. Utilizemos a campanha eleitoral para reforçar a luta contra a carestia da vida, pelo congelamento de preços, por um justo salário, contra as perseguições policiais e pela liberdade sindical. Lutemos pela baixa do arrendamento da terra, pela prorrogação dos contratos de arrendamentos e demais reivindicações camponesas. Reforcemos a luta pela paz, pela interdição das bombas atômica e de hidrogênio, pela solução pacífica de todos os problemas internacionais. Exijamos a revogação das instruções fascistas do Tribunal Superior Eleitoral que, arbitrariamente, impedem o registro dos candidatos populares, derrotemos o artigo 32 da «Lei Eleitoral de Emergência» e lutemos pela imediata aprovação do projeto de lei que restabelece o registro eleitoral do Partido Comunista. Organizemos nos Estados e Municípios amplas coalizões democráticas eleitorais em torno de programas concretos que incluam as reivindicações locais mais sentidas, especialmente no que se refere à instrução pública, à assistência médica para o povo, ao fornecimento de luz, ao abastecimento de água, ao serviço de esgotos, à construção de estradas, etc.

O Partido Comunista do Brasil luta pela libertação do Brasil do jugo imperialista, pela revolução agrária que entregue a terra dos latifundiários gratuitamente às grandes massas do campo, pela derrocada do atual regime de latifundiários e grandes capitalistas e sua substituição pelo regime democrático popular. São estes os objetivos do Programa do Partido e pelos quais lutamos intransigentemente. Estamos convencidos de que é este o único caminho da salvação nacional, mas estendemos a mão a todos os patriotas que conosco queiram dar um passo ao menos a favor de medidas que redundem em benefício do povo. Estamos prontos a entrar em entendimento com todas as forças políticas, líderes políticos e correntes patrióticas que queiram unir-se em torno de uma plataforma democrática a fim de derrotar eleitoralmente as forças da reação e do entreguismo. Em cada Estado e em cada Município os comunistas marcharão com as pessoas honestas que queiram unir-se em ampla coalizão democrática eleitoral para derrotar nas próximas eleições os candidatos reacionários, os ladrões e negociatas, os demagogos de toda a laia, inimigos da paz, das liberdades e da independência nacional.

Cidadãos!

Unamo-nos e façamos da campanha eleitoral uma cruzada em defesa da paz, das liberdades, da independência nacional! Somente organizado poderá o povo assegurar a eleição de seus legítimos candidatos. Unido, o povo poderá impor sua vontade, conseguir o registro de seus legítimos candidatos nos tribunais eleitorais e derrotar a reação. A tarefa do verdadeiro democrata não é votar apenas, mas lutar pela unificação de todas as forças patrióticas e progressistas, não poupar esforços para que elas entrem em acordo e fim de poderem lutar com sucesso contra os inimigos do



povo e da pátria. A unidade e a organização são indispensáveis para assegurar a posse dos candidatos eleitos e para exigir a realização das promessas feitas ao povo.

Brasileiros!

Trabalhadores!

Organizai-vos nas fábricas, nas fazendas, nos bairros, nas escolas, nos escritórios e repartições, em todos os locais de trabalho! Organizai-vos em amplos comitês democráticos eleitorais — em comitês de fábrica, de fazenda, de bairro, em comitês de mulheres, de jovens, etc. Através de comitês democráticos eleitorais será possível organizar em torno de uma plataforma comum pessoas de todas as tendências políticas e das mais diversas opiniões, de todas as classes e camadas sociais. Os comitês democráticos eleitorais, como instrumentos de ação, constituirão uma força popular capaz de lutar pelas reivindicações do povo, de impor o registro eleitoral dos legítimos representantes do povo e de assegurar sua vitória eleitoral.

Concidadãos!

Saudemos os patriotas que nos Estados e Municípios já se uniram em amplas coalizões democráticas para a batalha eleitoral e para a vitória. Saudemos a campanha cívica da Liga da Emancipação Nacional conclamando o povo para derrotar os entreguistas e eleger os patriotas. Participemos ativamente da campanha eleitoral.

Camaradas membros do Partido!

O próximo pleito eleitoral exige dos comunistas a maior atividade. É dever de cada militante do Partido participar da batalha eleitoral a fim de esclarecer incansavelmente as grandes massas, alertá-las contra a demagogia de seus piores inimigos, despertá-las, organizá-las e uni-las para a luta em prol de suas reivindicações e para que consigam a vitória de seus legítimos candidatos. É dever de cada comunista difundir e popularizar entre milhões de brasileiros o Programa do Partido. Unamos o povo e lutemos pela vitória eleitoral de seus candidatos, sejam comunistas ou aliados. Saibamos educar politicamente nossos concidadãos, indicando-lhes o caminho da salvação nacional traçado no Programa de nosso Partido.

Concidadãos!

Todos às urnas em 3 de outubro! Lutemos pela vitória dos candidatos do povo! Saibamos tomar em nossas próprias mãos os destinos da pátria! Não permitamos que cheguem aos cargos eletivos os agentes do opressor norte-americano! Derrotemos os inimigos do povo!

Viva a unidade da classe operária!

Viva a união de todos os trabalhadores nas cidades e do campo!

Viva a união de todos os homens e de todas as mulheres dispostos a defender a paz e as liberdades, a garantir o pão para seus filhos, a lutar pela independência do Brasil!

Salve os candidatos do povo!

Todos às urnas para defender a democracia, a paz e a independência nacional!

O COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL.
Julho de 1954.

Pelo Reatamento de Relações Com a União Soviética

A PRESENÇA em nosso país das delegações soviéticas que participaram do Congresso internacional de luta contra o câncer e da Conferência mundial de energia elétrica foi entusiasticamente saudada pelo povo brasileiro, por todas as pessoas honestas e progressistas. A participação dos delegados da União Soviética despertou para aqueles conclaves científicos o interesse e a atenção das vastas massas populares.

Estamos diante de um fato que abre, sem dúvida, promissoras perspectivas para o nosso povo, no terreno do intercâmbio cultural. A ciência soviética é a mais avançada de todo o mundo. Indissolúvelmente ligada ao povo, orientada no sentido de facilitar às massas a satisfação de suas necessidades sempre crescentes, a ciência encontra no país do socialismo todas as condições para um ininterrupto e cada vez mais impetuoso florescimento. Somente vantagens — e vantagens de valor realmente inapreciável — podem advir para nós de um intercâmbio regular e mais estreito com a União Soviética no terreno cultural. As valiosas contribuições dadas pelos delegados da U.R.S.S. nos dois referidos certames é uma comprovação do que dizemos.

E' inconcebível que se admita ainda a existência de barreiras no intercâmbio cultural entre os povos. Os obstáculos criados à livre expressão das idéias e à circulação das pessoas e das obras do pensamento humano representam, na verdade, manifestações de ódio à cultura e de intolerância fascista, merecendo o repúdio de todas as pessoas que amam a cultura e o progresso. Não só os círculos intelectuais, mas as massas populares de todos os países condenam enérgicamente os exemplos de obscurantismo que, nesse sentido, dá frequentemente a camarilha dirigente dos Estados Unidos.

O interesse e o carinho com que o povo brasileiro acompanhou a permanência entre nós dos representantes da ciência soviética é um eloquente testemunho de quanto é sentida pelas massas e por círculos sociais, dia a dia mais amplos, a exigência do restabelecimento de relações com a União Soviética. Se no terreno cultural o intercâmbio regular com a U.R.S.S. só nos pode trazer vantagens, o mesmo pode ser dito, e com um vigor ainda maior, em relação ao intercâmbio comercial. A penosa situação em que se encontra o comércio exterior brasileiro pode ser sensivelmente aliviada à base do estabelecimento de relações econômicas normais entre o nosso país e a União Soviética e demais países do campo do socialismo.

Entretanto, apesar de todas as evidências, o governo de Vargas se obstina em manter o Brasil numa situação de ruinoso isolamento. Esta é uma política míope e fracassada, que agrava cada vez mais nossas dificuldades, como assinalava, há dias, o matutino carioca «Diário de Notícias». Vargas coloca-se contra os interesses nacionais, submetendo o país às imposições e à voracidade insaciável dos monopólios norte-americanos.

O restabelecimento de relações entre o Brasil e a União Soviética é, hoje, uma exigência nacional, uma luta em que se empenham largos setores da população brasileira. Para que essa luta se torne em pouco tempo vitoriosa, como requerem os interesses da nação, é indispensável que se unifiquem e se organizem as inumeráveis forças patrióticas de nosso povo. Este é o objetivo que, em sua carta-programa, se propõe alcançar a Liga da Emancipação Nacional. Nada mais justo, portanto, do que assegurar a essa entidade patriótica o apoio e a participação ativa de um número sempre maior de brasileiros, qualquer que seja a sua posição social, a sua crença ou a sua tendência política.

O reatamento de relações entre o Brasil e a U.R.S.S. é uma exigência de todo o povo, um imperativo da própria sobrevivência do país.

Amplio apoio à Conferência Latino-Americana de Mulheres

ORGANIZAM-SE AS MULHERES NAS CIDADES, NAS FÁBRICAS, NOS BAIRROS E NOS CAMPOS

CRESCEM de intensidade a cada dia que passa os trabalhos preparatórios da Conferência Latino-Americana de Mulheres, que se realizará no Rio de Janeiro nos últimos dias deste mês de agosto. O amplo e concreto temário, abrangendo o: problemas e questões que interessam às mulheres em todos os terrenos e campos de atividade, proporciona as condições para organizar uma conferência realmente ampla e representativa, ao mesmo tempo que impulsiona a organização de base, nos bairros e nas fábricas.

Os preparativos da Conferência em nosso país e nos países irmãos da América Latina já permitem antever um grande avanço da unidade de ação e o progresso da organização de milhões de mulheres latino-americanas.

Assembléias em sindicatos operários

Dos mais diversos pontos do país chegam notícias da crescente participação da mulher operária e fatos que demonstram o apoio dos Sindicatos à Conferência.

Em Porto Alegre, as mulheres trabalhadoras associadas aos sindicatos dos metalúrgicos, alfaiates e gráficos realizaram assembléias nos respectivos sindicatos, elegendo suas representantes.

Em São Paulo, igualmente, a assembléia das associadas do sindicato dos têxteis elegeu nove delegadas à Conferência, entre elas a rainha dos trabalhadores paulistas. No Sindicato dos hoteleiros, a assembléia elegeu uma delegada. O Sindicato dos Bancários deliberou prestar todo o apoio ao comitê de Auspícios da Conferência em São Paulo. Em Pernambuco, elegeram delegadas as assembléias sindicais das operárias têxteis e gráficas de Recife. No Ceará foi eleita a delegação de fábrica da Brasil Oitética, indústria de óleos vegetais.

Mobilização da mulher camponesa

Ao mesmo tempo, a Conferência mobiliza a mulher camponesa e a desperta para a luta. No Rio Grande do Sul já foram eleitas três delegadas camponesas. Numerosas delegadas foram eleitas nos municípios de Bauru, Pedreiras e Salto Grande, em São Paulo.

Multiplicam-se as assembléias nos bairros, como são exemplo, a de Vila Mariana em São Paulo, quando foi fundada a Associação Beneficente, ou do bairro de Santos Moreno, em Fortaleza, Ceará, fundando-se a organização feminina local de defesa da infância. Em outros lugares a ação se organiza em torno de outras reivindicações, como é o caso de Araraquara, onde foi feito um comício contra a carestia em função da Conferência, ou do bairro paulista do Ipiranga, onde se realizou um concorrido comício pelo congelamento imediato dos preços. Em Campo Grande, Ceará, a união das mulheres se estabeleceu em torno da luta por uma escola. Em outros bairros realizam-se atos festivos, projeção de filmes, como o documentá-

rio sobre o Congresso Mundial de Mulheres em Copenhague ou ainda palestras sobre temas de interesse que atraem centenas de mulheres.

A nota dominante de todo esse trabalho, tanto nos sindicatos como nos bairros, é a organização — nos sindicatos caminha-se para a estruturação dos departamentos femininos onde ainda não existem, consolida-se e amplia-se os que já existem, nos bairros surgem as organizações femininas locais.

Em toda parte, realizam-se comandos que colhem adesões e declaração dos direitos da mulher, aprovada pelo Congresso Mundial de Mulheres, em Copenhague.

Ciclo de conferências em São Paulo

Os preparativos para a Conferência Latino-Americana de Mulheres caracterizam-se também por uma intensa atividade cultural, como é exemplo a preparação da exposição de trabalhos femininos no Rio de Janeiro, bem como pela iniciativa de amplos debates públicos de temas de palpitante interesse e atualidade. Assim, em São Paulo, organizou-se um ciclo de conferências no Museu de Arte Moderna, de 15 a 22 de agosto:

Dra. Betty Katzenstein — A recuperação do menor abandonado.

Dra. Nice Figueiredo — Os direitos civis e políticos da mulher.

Dra. Virginia Bicudo — A mulher mãe.

Dra. Nadia Glover — Os problemas da mulher na atualidade.

Na América Latina

Idêntico entusiasmo e espírito de iniciativa é revelado pelas mulheres dos países irmãos. No Equador, os trabalhos preparatórios estendem-se inclusive às mulheres indígenas. Organizou-se um Comitê de Mães, foram eleitas delegadas pelos sindicatos operários de Guayaquil e a Conferência obteve o apoio da Federação dos Trabalhadores do Equador. Funcionam os comitês de reivindicações da mulher, de defesa da infância e de defesa das indígenas.

Na Argentina, foram eleitas delegadas em Buenos Aires, Santa Fé e Santiago del Estero. Realizam-se assembléias nas fábricas e nos campos.

No Chile são preparadas teses sobre as condições de vida das mulheres e crianças chilenas. Uma comissão artística organizou uma exposição na Universidade do Chile bem como um festival no Teatro Municipal da capital chilena. Na Venezuela já foram eleitas numerosas delegadas e a pintora Iolanda Rojas realizou uma exposição, no quadro dos trabalhos preparatórios da Conferência. Os principais jornais de Assunção, Paraguai, divulgaram o apelo de convocação da Conferência.

Em apoio à Conferência Latino-Americana de Mulheres movimentam-se milhões de pessoas em nosso continente, assegurando-lhe a significação de um aconte-

cimento da maior importância e fazendo surgir uma grande força ativa em defesa da liberdade, da paz e da independência de nossos povos.

Vargas: Ignorância e Má-Fé no Congresso Mundial de Energia

NO seu discurso, por ocasião do encerramento da Conferência Mundial de Energia, o sr. Vargas abalancou-se à ingrata e ridícula tarefa de procurar enganar e iludir uma assembléia constituída de ilustres homens de ciência.

De início tentou convencer o auditório forçado a aturá-lo pelo protocolo de que a causa de nosso atraso não é domínio dos monopólios americanos de eletricidade mas sim a culpa dos deuses que nos teriam negado reservas de carvão mineral. Entretanto, nem sequer é necessário ser especialista em eletricidade para saber que a Light, subornando os homens do governo, impediu a construção da Usina do Salto, projetada pela Central do Brasil e cujas obras estavam sendo contratadas com uma empresa italiana. Somente a ignorância de um latifundiário e a má-fé dum demagogogo pode dizer que isto aconteceu por falta de carvão de pedra.

Não menos cínicas foram as palavras de Vargas dedicadas aos «empreendedores» atuais, diante dum Congresso de Energia que, nem ele, foi poupado ao racionamento. Primeiro, anuncia centenas de milhares de kw a serem fornecidos pelo carvão... que nos falta. Depois, trombetaia a Petrobrás que o verde-pátria Juraci Magalhães está pondo cada vez mais a serviço da Standard Oil, como se os técnicos não tivessem lido os jornais ao menos durante os dias em que se realizou o Congresso. Em seguida alardeia a Eletrobrás, esse projeto de entreguismo total que reconhece e oficializa o monopólio dos trustes americanos, emprega o dinheiro do povo brasileiro para que a Light e Bond and Share se loquelem e organizem mais meticulosamente ainda a indústria do racionamento. Cita Paulo Afonso, quando é público e notório que essa central já está fornecendo energia à Bond and Share. E por fim promete até a energia atômica, quando se intensifica o roubo ianque das areias monazíticas e são saqueadas sistematicamente nossas reservas de minerais atômicos.

A única verdade do discurso de Vargas: pretende gastar 40 bilhões de cruzeiros. O pretexto é a produção de energia. O objetivo é servir a Light e a Bond and Share.

O Nome de Estócel de Moraes Numa Praça da Cidade de Santos

EXPRIMINDO a vontade do proletariado santista e refletindo o amor do povo da cidade portuária pelo seu líder tombado no pósto de combate, foi apresentado à Câmara Municipal de Santos um projeto para que seja dado o nome de Estócel de Moraes a uma rua, praça ou avenida de Santos. Em vibrante discurso feito com ardentes palavras, o vereador Luis La Scala recordou a atuação do grande líder proletário «temperado rigidamente para as lutas que veio a travar e dirigir».

O nome de Estócel de Moraes num logradouro da cidade proletária de Santos não só reverenciaria a memória do combatente que «agigantou-se à frente das massas, impávido, não deixa a tarefa ao meio», que «se integra de corpo e alma no movimento de redenção da Pátria, revelando-se um impulsionador de homens, um dirigente e construtor nato de idéias proletárias». Será também a recordação constante, a continuação dos ensinamentos de Estócel de Moraes, que «sempre encontra tempo para estudar, mais e mais, porque sabia que, para construir a estrada do futuro, era necessário conhecer as leis do desenvolvimento da sociedade», que «jovial diante das dificuldades, firme e decidido na hora oportuna, agrupava trabalhadores em torno de seus sindicatos e educava-os para a superação das dificuldades».

Assim o povo sente a vida e a atuação de um dirigente comunista. A memória de Estócel de Moraes é patrimônio da classe operária, estímulo, exemplo e inspiração para sua luta. Por isso, a iniciativa do vereador La Scala, que foi imediatamente apoiado pelos vereadores Aristóteles Ferreira e Valdemar Nogueira, é um objetivo imediato do proletariado e do povo de Santos. A cidade heróica, berço que o lutador honroso, terá uma praça com o nome de Estócel de Moraes.



A Nova Agressão lanque à China

HA' DIAS dois aparelhos de reconhecimento da aviação chinesa foram abatidos sobre a ilha de Hainã. Confor-me declararam os próprios meios oficiais americanos, a esquadilha aérea que os atacou e derrubou era constituída de caças a jacto partidos de porta-aviões inques concentrados nos mares da China Meridional. As condições em que se deu o conflito, realizado em céus chineses, bastam aliás para caracterizar o agressor. Mas circunstâncias diversas comprovam, ainda, que esse ataque foi premeditado e faz parte de uma cadeia de crimes que vêm sendo postos em prática pelos governantes americanos, de há muito transformados em piratas internacionais.

Anunciara-se o ataque

Dias antes da agressão perpetrada contra o espaço aéreo da República Popular Chinesa, ocorreu um incidente em que caças chineses derrubaram um avião de passageiros britânico. Então, o governo central de Pequim, explicando o lamentável incidente declarou que a confusão dos pilotos fora possível diante do estado de alerta em que estavam, pelas notícias de um ataque iminente contra seu país, a ser vibrado, nas bandas do Sul, por forças de Chiang Kai Chee, disposto de auxílio naval e aéreo da esquadra norte-americana. Dias depois realizou-se de fato a agressão já denunciada ao mundo. Os imperialistas lanques não se preocupam, portanto, na quadra atual, sequer com o guardar as aparências. Apresentam-se enérgicamente como perturbadores da paz mundial e, diante dos protestos, limitam-se a tirar as armas e a proclamar, como fez há dias o general Bedell Smith que "novos incidentes ocorrerão". O incidente entre a Grã-Bretanha e a China foi prontamente sanado entre os dois governos. Mas os Estados Unidos, que não era potência interessada no caso, surgiu em campo para procurar utilizar os fatos em favor de seus fins belicistas. Quando os aparelhos americanos "procuravam" sobrevoar todos os prazos usuais de busca já tinha sido ultrapassados, conforme declarou a própria imprensa da Inglaterra. Evidentemente, portanto, a "busca" não passou também de um pretexto indomável.

Os ataques vêm de longe

Não é esta a primeira vez que surtem agressões desse tipo contra países do campo democrático. Inclusive contra a própria China. Durante a guerra da Coreia, os militaristas do Pentágono pregavam abertamente o bombardeio em massa da Manchúria e foram freqüentes as violações do território chinês, contra o qual se lançou a desumana guerra bacteriológica. As tentativas americanas para desencadear um novo conflito em grande escala na Ásia que seria o rastilho de nova guerra mundial intensificaram-se ultimamente, sobretudo depois que se tornou impossível ceder a exigência dos povos para a cessação do conflito da Indo-China.

Nesse quadro, amplia-se cada vez a ajuda aos bandos de Chiang Kai Chee, sob cuja bandeira navios norte-americanos perturbam o comércio costeiro da China e apresam navios de outras potências. Como os antigos piratas sarracenos no Mediterrâneo, os barcos sob bandeira lanque de Taipé, transformaram-se em um permanente fator de perturbação do comércio pacífico entre nações soberanas. Há poucas, remanens um petroleiro soviético foi criminosamente conduzido para Formosa, sua tripulação é mantida até agora presa, e os assaltantes ainda se apropriaram indebitamente da carga. Cargueiros de outras nacionalidades têm sido também atingidos por essas ações corsárias. Tais fatos levaram a que, em 1953, Lord Reading, subsecretário do Foreign Office se visse obrigado a declarar na Câmara dos Comuns que a esquadra do Reino Unido recebera ordens de proteger o comércio dos navios que navegam nos mares do Oriente sob a bandeira inglesa.

mercado costeiro da China e apresam navios de outras potências. Como os antigos piratas sarracenos no Mediterrâneo, os barcos sob bandeira lanque de Taipé, transformaram-se em um permanente fator de perturbação do comércio pacífico entre nações soberanas. Há poucas, remanens um petroleiro soviético foi criminosamente conduzido para Formosa, sua tripulação é mantida até agora presa, e os assaltantes ainda se apropriaram indebitamente da carga. Cargueiros de outras nacionalidades têm sido também atingidos por essas ações corsárias. Tais fatos levaram a que, em 1953, Lord Reading, subsecretário do Foreign Office se visse obrigado a declarar na Câmara dos Comuns que a esquadra do Reino Unido recebera ordens de proteger o comércio dos navios que navegam nos mares do Oriente sob a bandeira inglesa.

O Perigo Das Novas Agressões

Embora antecédidos por uma série de crimes semelhantes, os últimos ataques americanos contra a China apresentam alguns aspectos, peculiares. Em primeiro lugar, ocorrem imediatamente depois do armistício da Indo-China, que permitiu, pela primeira vez em mais de dois séculos a interrupção de qualquer luta armada na Ásia entre exércitos regulares. A paz na Indo-China sobre constituir um elemento de desafogo da situação internacional demasiado tensa abriu a todos os povos as possibilidades de alcançarem novos triunfos em sua luta porrida contra os fautores de nova guerra. Os atos criminosos desfechados contra a China fazem parte de manobras não encobertas para obstruir o caminho da paz, criando pontos de atrito artificiais que "justifiquem" novos incidentes e a pressão lanque para a aprovação do "Pacto do Sudeste da Ásia" e do acordo da C. E. D.

Preparativos de Guerra

Nos dias posteriores ao ataque contra Hainã diversas outras medidas preparatórias de guerra foram postas em execução pelos meios imperialistas dos Estados Unidos, incluindo-se, entre elas, a dissolução, pela força, da Comissão de Controle de Armistício que atuava na Coreia do Sul, em decorrência dos acordos de Pan Mun Jön. No momento em que isso ocorre, Singman Ri negocia em Washington armamentos para mais divisões, conforme ele mesmo gritou em discurso no Senado lanque, e os meios reacionários proclamam que é preciso "compensar" com qualquer coisa o alívio da situação internacional obtida o mês passado.

Um Malogro de Incendiários

Como de outras vezes, as tentativas de Eisenhower no sentido de criar um incidente de maiores proporções calaram no vácuo, graças à firmeza do governo chinês que rechaçou os agressores e se manteve senhor da situação. O ataque serviu para isclar ainda mais os meios belicistas lanques cujos desatinos já começam a inquietar no mesmo círculo tradicionalmente conservadores da Inglaterra e de outros Estados europeus.

VOLTADO PARA O TRABALHO pacífico o grande povo chinês ergue novas usinas e eleva incessantemente a produção agrícola. Ao mesmo tempo, diante das constantes agressões lanques, fortalece suas forças armadas que montam guarda à prosperidade de sua pátria.



Na Ásia, confirmou aos olhos de todos que os Estados Unidos constituem, nos dias de hoje, o inimigo jurado dos povos asiáticos. Em todo o mundo os agressores foram caracterizados como tais.

Não estamos mais em tempos que os grandes monopólios podiam escolher a seu bel-prazer o tempo e o local em que fariam derramar o sangue dos povos. Suas tentativas de perturbar a paz,

embora extremamente perigosas, apresentam crescentes impossibilidades de êxito. Isso foi o que demonstraram os recentes fatos e isso é o que demonstrarão também os futuros desatinos que venham a cometer os belicistas cujas ações de banditismo só terão termo quando os grandes monopólios estiverem inteiramente derrotados pelas forças que defendem o progresso e a paz.



A «Doença» do Dr. Otto John

DE uns tempos para cá uma estranha neurose está atacando cidadãos do mundo "ocidental e cristão" onde se pode usufruir de incalçáveis liberdades, como a de mascar chicletes, desde evidentemente que não se pretenda pôr em risco os lucros dos fabricantes da goma de mascar, e de que se disponha de emprégo, cada vez mais raro. Deve ser por isso que o jornalista do "New York Times", cuidadosamente adaptado pelo "Diário Carioca" que se edita no Rio, afirmou que o "estado do dr. John foi indubitavelmente afetado pelo seu conhecimento de uma luta que se está travando em alguns departamentos do Governo entre antigos nazistas e alemães anti-hilleristas que se opuseram ativamente e lutaram contra o Terceiro Reich".

Vemos, assim, que, para a moderna medicina política norte-americana, opôr-se ao nazismo é sintoma palpável de descontrole mental, embora alguns milhões de homens tenham morrido na última guerra precisamente para impedir a vitória de Hitler.

O dr. Otto John era o chefe da Polícia secreta do Governo de Bonn, o que vale dizer que dirigia toda a espionagem de Adenauer e estava no centro da conspiração contra a paz que tem na Alemanha Ocidental um de seus focos mais perigosos. Durante muitos anos o dr. Otto John trabalhou de comum acordo com norte-americanos e ingleses, conferenciando ainda recentemente com os chefes do F.B.I. e do Intelligence Service. As próprias condições de seu cargo permitiram, porém, ao dr. John verificar que os planos americanos para a Alemanha se resumem na entrega do poder aos nazistas e da perpetuação da divisão do país. Por isso, abandonou seu alto cargo e apresentou-se voluntariamente no setor democrático de Berlim, para lutar pela liberdade de sua pátria. Esse golpe vibrado nos serviços de espionagem lanque está permitindo às autoridades da República Democrática Alemã liquidar rapidamente vários focos de sabotadores e de agentes do inimigo e lançou nova luz sobre muitos de seus planos a longo termo. Na Alemanha, especialmente depois que foram postas em prática as medidas decretadas pela República Democrática Alemã em meados de 1953, somam dezenas de milhares os que se deixaram atacar pela doença do dr. John.

Para os americanos o pior é o seguinte: à medida que grassa a moléstia, os enfermos, compenetrados de que não podem imigrar todos, se compenetraram de que é necessário extinguir o vírus que provoca a epidemia e, por isso, exigem com vigor sempre maior, a retirada das forças de ocupação americana, a independência e a unificação de seu país.



Crônica Internacional

A Instabilidade Política Des Agentes Americanos na Guatemala

UM LEVANTE do Corpo de Cadetes da Guatemala, seguido de rudes combates com forças do regime «frutero» de Castillo Armas, levou a Junta governamental por este presidida a aceitar a rendição incondicional das forças que, partindo de Honduras, procederam à invasão do país e derrocaram seu regime legal e democrático.

Ainda não há elementos para caracterizar perfeitamente a recente luta armada. Mas uma coisa é desde logo certa: Castillo Armas não conseguiu obter condições mínimas de estabilidade, apesar do auxílio exterior e do pronto reconhecimento que alcançou de seus empresários americanos e dos governos títeres da categoria do brasileiro. Quando o embaixador Peurifoy, «cérebro» do golpe contra o governo democrático de Arbenz, presidiu o vergonhoso acordo de El Salvador entre Castillo e Monzón, uma das cláusulas principais que apoiou foi a de que os grupos de malfetores armados pela United Fruit e comandados por Castillo seriam incorporados ao exército regular da Guatemala, mantendo os «oficiais» todos os seus postos e prerrogativas. Assim, a derrota do suposto «Exército de Libertação» é um rude golpe assestado a Castillo Armas por outros grupos que seguem também orientação reacionária, como indica o fato de não ter sido ele deposto, apesar de privado dos principais meios militares com que contava.

O choque ocorrido não pode ser considerado como um epílogo, nem promete ser duradoura a nova trégua assinada. Reflete é verdade, a evolução de uma situação

já conhecida, dentro da qual Castillo não ousava sequer morar no palácio do governo, mantendo-se em casa sob permanente proteção de seus homens de confiança. Liqüidação a soberania do país, os «princípios» que passam a estar em jogo, nos meios dirigentes da Guatemala, são o da ambição pessoal e a corrida desenfreada para o assenhoreamento de postos que permitam a cada grupelho o domínio da situação. Daí a luta cada vez maior entre políticos e chefetes militares. Como se sabe, a própria designação de Castillo Armas para a chefia da junta só foi alcançada após muita relutância e sob a indicação expressa do embaixador lanque.

Os choques crescentes entre os grupos que golpearam os direitos do povo guatemalteco constituem outro motivo ponderável para aguardar confiantemente a evolução dos acontecimentos nos quais o povo dará a palavra final.

A propaganda do imperialismo procura fazer crer que o «caso da Guatemala» é um assunto liquidado e que outra coisa não resta às massas espoliadas desse país que aplaudirem conformadamente a liquidação da reforma agrária, o aumento de concessões às companhias estrangeiras e os crimes que são o sinete da ditadura de Armas. Mas a realidade é outra e os fatos se encarreram de comprová-la mais uma vez. Eles indicam, ao mesmo tempo, a necessidade de reforçar a solidariedade aos presos e refugiados políticos guatemaltecos contra os quais continua a abater-se um terror sangrento a que é necessário pôr termo e que as últimas declarações de Castillo prometem aumentar.

O POVO DEBATE O PROGRAMA DO P. C. B.

POR motivos de ordem técnica, decorrentes da publicação de um documento tão importante como o «Manifesto Eleitoral do Partido Comunista do Brasil», deixamos de publicar nesta página nossa seção «O Povo Debate o Programa do PCB», que voltará a aparecer no próximo número.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Um Exemplo da Política De Traição Nacional de Vargas

PERGUNTA — Como explicar, à luz do Programa do Partido Comunista, o recente ato do governo resolvendo refinar petróleo importante do estrangeiro na Refinaria de Cubatão?

(Aloísio Sousa Bastos — Santos, São Paulo)

RESPOSTA — O ato do governo de Vargas — contratando com duas empresas subsidiárias da Standard Oil — a «Esso Corporation» e a «California Transport Co.» — o fornecimento de petróleo bruto para ser refinado em Cubatão é mais um passo que dá o governo no caminho da entrega completa de nosso país aos monopólios americanos, mais um passo na sua política de traição nacional.

O Programa do P. C. B., ao denunciar os fatos que provam encontrar-se o Brasil sob o jugo crescente dos imperialistas americanos, afirma que «a Standard Oil luta abertamente pela posse de nossas jazidas de petróleo». Essa luta contou sempre com o apoio do governo de Vargas que, como diz também o Programa, não passa de um instrumento servil dos imperialistas norte-americanos, e por cujo intermédio «os monopolistas ianques saqueiam o país e exploram ao nosso povo».

Vejamos os fatos. Não podendo fugir à irrefreável pressão das massas populares, Vargas foi obrigado a promulgar a lei que criou a «Petrobrás», organização que, aparentemente, resguardava o nosso petróleo da voracidade da Standard Oil e deixava transparecer a possibilidade de um efetivo incremento da indústria petrolífera nacional. Vargas fez, mesmo, pomposas declarações «nacionalistas», dizendo-se radicalmente contrário à entrega de nosso «ouro negro» ao truste norte-americano.

A posição demagógica então assumida por Vargas em face da questão do petróleo correspondia, no fundo, aos interesses de longo alcance da Standard Oil; era essa a maneira de evitar que as massas populares dessem, através de sua luta patriótica, uma solução definitiva ao problema do petróleo brasileiro. Mas, como denunciou oportunamente o Partido Comunista, com a aprovação da «Petrobrás» estava longe de ter desaparecido a ameaça de cair o nosso petróleo nas garras da Standard. Através de mil e um artifícios, o governo de Vargas deixou a porta aberta para futuras manobras contra os interesses nacionais, visando a atender às ordens dos seus amos ianques, cuja voracidade não tem limites.

Os fatos posteriores vieram comprovar totalmente a justiça da clarividente posição assumida pelos comunistas. Vargas começou a pôr em execução o plano que lhe foi ditado por Rockefeller e pelos agentes de Wall Street e do governo americano que, como Milton Eisenhower, Caphart ou Mark Clark, sucessivamente «visitam» o nosso país. A primeira medida na realização desse plano antinacional foi a nomeação do calabar Juracl Magalhães para a presidência da «Petrobrás» o que significa entregá-la abertamente à Standard Oil.

Resultado desse plano foi a quase completa paralisação dos trabalhos de pesquisa, prospecção, lavra e refino em Mataripe, — onde se ergue uma refinaria instalada com o dinheiro do povo brasileiro. Antes, acontecia que Mataripe refinava para entregar a sua produção aos trustes do petróleo. Mas isto ainda era pouco para a Standard. O voraz truste ianque não se contentava com os lucros fornecidos pela distribuição dos produtos que já recebia de mão beijada. Exigia mais: que, além de lhe caber a distribuição, fosse refinado em Mataripe o seu próprio petróleo, comprado por nós à base dos preços de monopólio impostos pela própria Standard.

O recente ato do governo de Vargas vem completar o assalto da Standard Oil ao nosso petróleo e acorrentar, mais ainda, a economia brasileira aos interesses rapaces dos magnatas ianques. Declarou o governo que os contratos assinados com as subsidiárias da Standard referem-se apenas à refinaria de Cubatão. Mas, ao mesmo tempo, anuncia-se que a refinaria de Mataripe está ameaçada de total paralisação devido à falta de óleo bruto para refinar. Trata-se de uma insidiosa manobra para «justificar» a completa entrega de Mataripe à Standard Oil e, em consequência, darem os magnatas ianques o tiro de misericórdia na exploração do petróleo em nosso país.

Tais são os aspectos mais sérios e revoltantes do sinistro plano urdido pelo truste ianque, e já em fase de plena execução pelos seus agentes no governo do país: de um lado colocar o abastecimento nacional de combustíveis e lubrificantes líquidos na absoluta dependência da Standard Oil e, de outro lado, criar dificuldades cada vez maiores à pesquisa e à extração do petróleo nacional, tentando

mesmo sepultar a indústria nacional do petróleo.

Fatos como estes revelam a todos os brasileiros honestos a face verdadeira e hedionda do governo de Vargas. Este é um governo de traição nacional, do qual se utilizam os monopólios norte-americanos para realizar os seus objetivos de colonização do Brasil.

A solução capaz de atender aos interesses nacionais para problemas como o do petróleo, e todos os outros, não pode ser alcançada enquanto estiver no poder uma camarilha de vende-pátrias como o governo de Vargas. Os problemas vitais do país só encontrarão uma solução verdadeira quando a luta unida de todos os brasileiros honestos impuser a derrota deste governo antinacional e o substituir pelo governo democrático de libertação nacional — expressão genuína dos interesses da pátria das aspirações de todo o povo brasileiro.

O Governo de Vargas Diante da Constituição

PERGUNTA — O Programa do P. C. B., depois de afirmar que a atual Constituição do país «é no essencial um código de opressão contra o povo», acrescenta que «mesmo esta Constituição não é cumprida e respeitada pelo governo de Vargas». Que exemplos podem ser dados para comprovar esta afirmação do Programa do Partido?

(Carlos Oliveira da Silva — Recife, Pernambuco)

RESPOSTA — O Programa do P. C. B. afirma que a atual Constituição é um estatuto político reacionário, embora registre algumas conquistas democráticas. A Constituição de 1946 assegura à minoria dominante — de latifundiários e grandes capitalistas aliados aos imperialistas americanos — os mais odiosos privilégios contra o povo. Garante o monopólio da terra, dá aos esmoeadores do povo os meios de explorá-lo impunemente e assegura à minoria opressora a direção política do país.

Entretanto, refletindo a forte pressão exercida pelas massas populares sobre a Constituinte, a carta constitucional de 1946 registra algumas conquistas democráticas, principalmente as inscritas nos artigos relativos aos direitos dos cidadãos.

O governo de Vargas, que usa a violência contra o povo como a sua arma principal, desrespeita sistematicamente esses dispositivos democráticos da Constituição de 1946. Os exemplos são inúmeros.

A liberdade sindical, a liberdade de imprensa, a liberdade de reunião, de associação, de pensamento e de palavra são amplamente asseguradas na Constituição. Entretanto, Vargas interveio nos sindicatos e, através da Portaria nº 20, tenta restabelecer o atestado de ideologia; sucedem-se os casos de violências e até assassinatos de jornalistas, além de assaltos às oficinas e redações de jornais, como acontece agora mesmo com a «Folha do Povo» de Recife; frequentemente a polícia dissolve ou tenta dissolver reuniões onde os trabalhadores e as massas discutem problemas de seu interesse; são constantes os casos de violência a mais brutal contra os camponeses em luta pelos seus direitos, como comprova o exemplo recente de Presidente Wenceslau; dezenas de trabalhadores e patriotas já foram assassinados nos três anos de governo de Vargas, e mais de cinco mil pessoas estão, presentemente, submetidas a processos judiciais e ameaçadas de ilegais condenações. Numerosas leis de exceção, de nítido caráter fascista, como a Lei de Segurança e a Lei de Imprensa, foram promulgadas pelo antigo chefe do Estado Novo, enquanto outras, como a celerada «Lei de Fidelidade à Pátria», foram propostas por Vargas ao Parlamento. Apesar de estar inscrito na Constituição o direito de organização e de opinião política, o partido da classe operária — o Partido Comunista — é mantido na ilegalidade.

Exemplo típico do absoluto desrespeito do governo de Vargas pela Constituição é o que vem se verificando em relação às eleições de outubro. Não satisfeito com os obstáculos até então criados à participação do povo nas eleições, Vargas mobilizou todos os recursos imagináveis para tentar impedir que as massas insatisfeitas manifestem o seu protesto nas urnas elegendo os candidatos comunistas e demais patriotas. Um desses recursos — e dos mais torpes — foi a apresentação, por intermédio do senador Dário Cardoso, do monstruoso artigo 32 do pro-

Sobre a Intelectualidade

PERGUNTA — No Programa do P. C. B. há um trecho que diz: «as transformações democráticas que o nosso povo necessita só podem ser alcançadas com um governo democrático de libertação nacional, governo do qual participem, além da classe operária, os camponeses, a intelectualidade, a pequena burguesia e a burguesia nacional».

Desejaria saber por que a intelectualidade é considerada uma camada ou classe da atual sociedade brasileira.

Wilson Barbosa da Costa
(Rio de Janeiro)

RESPOSTA — Não se pode considerar a intelectualidade como uma camada ou classe. Classe e camada são coisas diferentes. As camadas sociais são partes das classes em que se divide a sociedade. Classe e camada não são equivalentes.

A definição leninista de classe ensina que «as classes são grandes grupos de homens que se diferenciam entre si pelo lugar que ocupam num sistema de produção social historicamente determinado, pelas relações em que se encontram em face dos meios de produção (relações que em grande parte são estabelecidas e formalizadas nas leis) pelo

papel que desempenham na organização social do trabalho e, conseqüentemente, pelo modo e a proporção em que recebem a parte da riqueza social de que dispõem».

Que classes, na atual sociedade brasileira, se enquadram na definição de Lênin? Os latifundiários e a burguesia, que constituem as classes dominantes. O proletariado e os camponeses, que constituem as classes exploradas e oprimidas. Os diversos setores da pequena burguesia são camadas intermédias.

A burguesia não é uma classe homogênea. No processo de diferenciação social que o capitalismo gera, pessoas que pertenciam a uma camada passam a pertencer a outras: uns se arruinam, outros enriquecem. Os de baixo passam para cima, e os de cima para baixo. A classe burguesa possui três camadas: a grande burguesia, isto é, os grandes capitalistas, a burguesia-média, que forma a burguesia nacional, cujos interesses não são idênticos aos dos grandes capitalistas, e que sofre a opressão do imperialismo, e a pequena burguesia.

No Brasil, a intelectualidade forma um setor da pequena burguesia. É esta camada que fornece o maior número de elementos que a compõem. Mas isto não quer dizer que sua fisionomia social e seu papel não sejam diferentes dos demais setores dessa camada. A intelectualidade tem uma fisionomia peculiar, embora seus interesses se identifiquem com os da pequena burguesia. A intelectualidade distingue-se dos empregados, funcionários públicos, artesãos, etc. Daí a razão de figurar logo depois da classe operária e dos camponeses, ao lado da pequena burguesia e da burguesia nacional, como participante do futuro governo democrático de libertação nacional.

É necessário não encarar a intelectualidade de acordo com o conceito vulgar em que por muitos é tida em nosso país. Como composta de escritores e literatos. A intelectualidade compõe-se de escritores, artistas, técnicos, médicos, engenheiros, professores, agrônomos, advogados, etc. Dispondo de formação cultural mais elevada, e por isso de maior facilidade para assimilar os conhecimentos, a intelectualidade desempenha, pelo grau de influência social que possui, um papel de relevo na difusão das idéias progressistas. Desde os bancos escolares que as dificuldades de acesso à cultura, os altos preços dos livros e das taxas escolares, colocam a intelectualidade em choque com o atual regime. Ao sair das universidades, os intelectuais que transpõem essas barreiras, deparam com o problema do desemprego. Por isso, em países como o nosso, que ainda não sacudiram o jugo latifúndio e do imperialismo, a intelectualidade demonstra capacidade de ligar-se ao povo, fornece um considerável contingente para as fileiras da revolução. Os intelectuais brasileiros sentem na própria carne as tremendas conseqüências do atraso e do analfabetismo em que vegeta o país, querem lutar, chefiados pela classe operária, contra o latifúndio, o domínio americano e a política de traição nacional de Vargas.

As características da intelectualidade variam de acordo com as classes sociais que forneçam elementos para a sua composição. Na atualidade, por exemplo, na URSS, a intelectualidade é composta de elementos vindos da classe operária e do campesinato colossiano e, por isto, se distingue radicalmente da antiga intelectualidade em cuja composição preponderavam elementos vindos das classes reacionárias. A intelectualidade soviética é uma intelectualidade nova, socialista, profundamente dedicada ao povo e ao regime estatal e social soviético.

Parece-nos que exemplificando desse modo esclarecemos por que razão a intelectualidade é citada no Programa do P. C. B. como participante do futuro governo democrático de libertação nacional.

Liga da Emancipação Nacional

Grande Movimento em Marcha Pela Libertação do Brasil

NOVA missão ianque chega ao Brasil. Trata-se de uma comissão de técnicos da «Administração das Operações no Estrangeiros» do governo dos Estados Unidos, que vem ao Brasil com propósito declarado de inspecionar todos os setores da economia nacional, desde a educação aos transportes, desde a agricultura à administração pública. Essa super-missão, presidida pelo magnata Lewis H. Van Dusen, tem em mira igualmente fiscalizar os empréstimos escorchantes com os quais o governo de Vargas vem empenhando o Brasil aos Estados Unidos e pedir contas de execução do pacto de colonização e guerra, o «Acórdo Militar Brasil-Estados Unidos».

A vinda dessa missão ianque é mais um ato da continuada ingerência dos trustes ianques na vida nacional. Mancomunados com o governo de Vargas, os monopolistas dos Estados Unidos cravam suas garras no país, assenhoream-se de tudo, procurando transformá-lo rapidamente numa colônia americana, assim como Porto Rico e as Filipinas, ou reproduzir aqui o que já está sucedendo com o vizinho Paraguai, em cujo solo (cerca de 50% do território) não vigoram mais as leis do país, e sim as leis do... Estado da Califórnia, isto é, as leis da Standard Oil.

Contra essa vil perspectiva da desgraça e da escravidão ergue-se um pujante movimento organizado em todo o país, abrangendo homens de todas as tendências e classes sociais, unidos por seu patriotismo: a Liga da Emancipação Nacional. Fundada na histórica Convenção Pela Emancipação Nacional, precisamente na sessão do dia 5 de abril de 1954, a Liga nasceu como resultado e fusão de todos os movimentos patrióticos que vêm empolgando o país desde 1948. Primeiro foi a luta pelo petróleo, cobijada pela Standard Oil, e que mobilizou a opinião pública, para resistir às investidas sempre renovadas do truste ianque. Outros assaltos, porém, vieram despertar os protestos dos patriotas: defesa da Amazônia ameaçada pelo «Estado C. Hilléa Amazônica», movimento contra o saque das áreas monásticas e outros materiais estratégicos remetidos para a indústria de guerra ianque, com graves prejuízos para a nossa economia e para a paz mundial; a luta contra a política de concessões lesivas à independência nacional e, sobretudo, o combate ao «Acórdo Militar», com que se pretendeu legalizar a

intromissão insólita do dominador ianque em toda a nossa vida interna, inclusive na segurança nacional.

A CONVENÇÃO, PONTO DE ENCONTRO

O desenrolar de todas essas campanhas patrióticas vem mostrar a milhões de brasileiros que o inimigo a enfrentar, em todas as questões do interesse nacional, é sempre o mesmo: os imperialistas norte-americanos.

Lutando em defesa do petróleo brasileiro ou das reservas minerais, em favor de uma política de paz e cooperação com todas as nações ou pela preservação da soberania nacional, nosso povo se chocou sempre com a ação avassaladora e solerte dos trustes norte-americanos e seus agentes no governo. Na Convenção de abril, todas essas questões entraram: em debate e chegaram à conclusão de que era preciso unificar numa única e poderosa terrente os movimentos para livrar o país do jugo ianque e abrir caminho

para o seu desenvolvimento independente. Surgiu, assim, a Liga da Emancipação Nacional.

UM MOVIMENTO CRIADO POR MEIO MILHÃO DE BRASILEIROS

A Convenção aprovou a «Carta da Emancipação Nacional», documento já amplamente divulgado e que define os objetivos patrióticos da Liga.

A preparação e realização da Convenção de abril revelou, desde logo, o caráter amplo do movimento. Basta referir que, em todo o Brasil, participaram dos atos referentes à Convenção cerca de 500.000 pessoas. Deputados e vereadores dos mais diversos partidos, militares ilustres, industriais e comerciantes, líderes sindicais e homens do campo, estudantes e donas de casa, reuniram-se para a Convenção e participaram das organizações da Liga de Emancipação Nacional.

Em apenas quatro meses de existência, a Liga de Emancipação



O povo acolheu o apelo da Liga da Emancipação Nacional e comemorou em praça pública o aniversário do 5 de Julho, em solenidades e comícios, como o que se realizou no Campo de São Cristóvão, no Rio, do qual é o flagrante acima. As melhores tradições do passado inspiram nosso povo na luta e hoje para conquistar a completa independência do país, reunindo-se sob a bandeira da emancipação nacional, empunhada pela Liga.

ção Nacional se Estados, em quase todos os Estados, espalhou-se por centenas de municípios, por bairros e empresas, numa atividade intensa, assinalada já por inúmeras realizações patrióticas e populares.

Dentre as iniciativas da Liga destaca-se, por sua importância, a campanha cívica

pela participação do povo nas eleições. O Manifesto Eleitoral, aprovado na Convenção de Abril, lançou a palavra de ordem: eleger os patriotas e derrotar os entreguistas! Nessa base, as organizações da Liga passaram a estimular em todo o país o alistamento eleitoral, chamando os candidatos de todos os partidos a se definirem sobre os objetivos formulados na Carta da Emancipação Nacional. A ação da Liga nesse terreno vem contribuindo para que a campanha eleitoral seja travada em torno das questões que mais interessam ao povo e ao país, com o desmascaramento crescente dos demagogos diante do povo. Em face do movimento de emancipação nacional, torna-se cada vez mais difícil aos agentes

A INICIATIVA POPULAR MULTIPLICA A AÇÃO DA LIGA

A atuação da Liga se faz sentir nos mais diversos setores. Ali onde o interesse nacional exige o esforço e os protestos comuns dos patriotas, onde quer que haja um problema fundamental para a integridade e a liberdade do povo, surge a Liga da Emancipação ou se funda o movimento

de solidariedade à Guatemala agredida pelos Estados Unidos, realizando comícios, e atos públicos, como no Rio, em Porto Alegre, e promovendo uma campanha de abaixo-assinados e telegramas em todo o país. Ao lado de movimentos como esse, surgem empreendimentos, muitas vezes de caráter local, mas que dão a medida de toda a amplitude e variedade da ação patriótica da Liga, animada pelo espírito de iniciativa do povo. É o diretório de Ibatí, no interior do Paraná, mobilizando o povo para construir um campo de aviação, reivindicação importante da cidade. São os patriotas de Coqueiros, bairro de Florianópolis, reunindo em núcleo da Liga os moradores interessados na conquista de um Posto de Leite. É uma iniciativa, de grande repercussão, como a do diretório balnear, organizando em Salvador uma exposição das riquezas minerais do Brasil, logo imitada pelos patriotas de Porto Alegre, e tantas outras.

A BANDEIRA DO 5 DE JULHO NAS MÃOS DA LIGA

Importante realização da Liga foram as comemorações do aniversário do movimento de 5 de Julho. Recordando os patriotas que lutaram no passado por um regime de democracia e independência, a Liga congregou o povo em inúmeros comícios e solenidades, levando adiante a bandeira da emancipação nacional. No Rio, a data foi assinalada com um grande comício; uma exposição na Associação Brasileira de Imprensa despertou igualmente em todo o país o movimento

de milhares de documentos e fotografias reunidos e pelas palestras proferidas para os visitantes. Em São Paulo, a Liga promoveu a visita ao túmulo do gen. Isidoro Dias Lopes, bem como um ato solene que contou com o apoio de generais, heróis do 5 de Julho e personalidades diversas. Comemorações igualmente brilhantes tiveram lugar em Aracaju, com uma sessão no Instituto Histórico e Geográfico, em Porto Alegre, no Estado do Rio, na Bahia, em Minas Gerais e outros Estados.

UMA ORGANIZAÇÃO ADEQUADA À AMPLITUDE DO MOVIMENTO

A organização da Liga da Emancipação Nacional compreende um Conselho Federal, composto de centenas de pessoas em todas as camadas e setores da população: 38 deputados federais e dezenas de deputados estaduais, 10 generais, 15 desembargadores e juizes, 15 industriais e comerciantes, líderes sindicais, artistas e técnicos, professores e jornalistas, camponeses, líderes femininas e estudantes, prefeitos municipais como os de Sorocaba, Vila Velha e Raposo, etc., homens e mulheres de todas religiões e partidos políticos.



Durante as comemorações do Cinco de Julho, patrocinadas, pela Liga da Emancipação Nacional, os patriotas ligados à aquelas jornadas de luta pela democracia e a liberdade foram alvo de homenagens. O grupo acima foi formado por ocasião da visita de dirigentes da L. E. N. e personalidades ao cel. Daniel Costa, um dos heróis do Cinco de Julho em S. Paulo.

LIBERTAR O PAÍS DO JUGO IANQUE, CAUSA SAGRADA DO NOSSO POVO

A LIGA da Emancipação Nacional nasceu e desenvolve rapidamente por todo o país porque é um movimento patriótico amplo, sem parâmetro, que corresponde às aspirações e aos interesses da esmagadora maioria da população brasileira. Suas campanhas, contra a carestia, pela encampação dos trustes ianques de energia elétrica, contra a entrega da Petrobrás à Standard Oil e outras, exprimem as necessidades do país e de seu livre desenvolvimento. Mas é sobretudo o vivo sentimento patriótico do povo, despertado ante o perigo da colonização total do país pelo imperialismo norte-americano que anima e revigora a Liga. Libertar o país das cadeias da opressão ianque e conquistar a emancipação da pátria — eis o nobre objetivo que congrega e impulsiona à luta milhões de brasileiros. Reunindo e organizando os patriotas — nosso povo, de todas as tradições de independência e democracia — a Liga da Emancipação Nacional torna-se um movimento irresistível e há de conquistar a vitória.

A exposição promovida pela Liga no Distrito Federal foi a mais completa mostra de documentos já oferecida ao público sobre as lutas dos 5 de Julho. Milhares de documentos e fotografias foram examinados por numeroso público durante dias a fio. No encerramento, o gen. Henrique Cunha proferiu uma palestra mostrando que a Liga é hoje a herdeira dos movimentos patrióticos do passado



Um flagrante da primeira reunião de estruturação da Liga da Emancipação Nacional, vendo-se, no primeiro plano, da esquerda para a direita, o cel. Crodogando de Moraes, o gen. Buxbaum, o deputado paulista Juarés Guizard e o gen. Carnaúba. Ao fundo, o prof. Franklin Reis, cel. Sá e Benevides, gen. Felicíssimo Cardoso, dr. Luiz Fernando Aguiar de Carvalho e major Napoleão Bezerra.



A Classe Operária na Primeira Linha

Entre as forças populares que apoiam a Liga da Emancipação Nacional, destaca-se a participação entusiástica e vigorosa da classe operária. Isso não se dá por acaso, pois de há muito vêm os operários brasileiros figurando na vanguarda de todas as lutas pela libertação social e nacional de nosso povo. Já na preparação da Convenção o apoio dado pelos sindicatos foi decisivo para o êxito da iniciativa. A participação dos trabalhadores tornou-se efetiva com a constituição da Liga.

Cerca de 200 sindicatos e federações sindicais aderiram à Convenção por votação de suas respectivas assembleias ou por decisão de suas diretorias. Trinta líderes sindicais participam do Conselho Federal. Em Recife, 25 sindicatos deram seu apoio conjunto à Liga. Presidentes e prestigiosos dirigentes dos principais sindicatos do país, como o dos tecelões, o dos metalúrgicos, os dos ferroviários e outros de São Paulo, o dos tecelões e o dos marceneiros do Rio, o de trabalhadores de energia elétrica na Bahia e muitos outros fazem parte dos órgãos de direção da Liga. Essa participação dos trabalhadores e seus líderes na Liga tende a aumentar cada vez mais, dando consistência e firmeza ao movimento e ligando-o mais profundamente às forças vivas do nosso povo.

Prof. Central

Por Margarida do Amaral Calado

Brilhante Vitória dos Trabalhadores da Usina de Açúcar da Pedra em Serrana

ESCREVE o nosso correspondente de Serrana, Estado de São Paulo:

Com quatro horas de greve, 245 trabalhadores da Usina de Açúcar da Pedra conquistaram aumento de 25% nos salários. Em Serrana os trabalhadores passam uma vida apertada. Os trabalhadores, depois que tomaram conhecimento das denúncias feitas por jornais populares sobre seus baixos salários e os preços tabelados pelo Instituto do Açúcar e do Alcool, resolveram lutar. Não era mais possível continuar com 1,50 cruzeiros de salário por hora e 3,50 para as horas extraordinárias. Combinaram paralalisar o serviço no dia 1º de julho, todos juntos, às 3 horas da manhã e assim permaneceram até as 10 horas quando chegou o proprietário da Usina, sr. Bauldilio Biagi que prometeu resolver a questão no dia 5. Diante disso, os trabalhadores voltaram mas com o firme propósito de retornar imediatamente à greve caso não fosse cumprida a promessa. No dia 5, em face da firmeza dos trabalhadores, o sr. Biagi efetuou um aumento na base de 25% e 30% de acordo com os salários. Foi uma importante vitória da unidade de ação dos trabalhadores da Usina da Pedra. Os 600 cortadores de cana ganham 30 centavos por feixe com 25 canas cada um. O trabalhador tem que lutar muito para cortar setenta feixes. O preço de 30 centavos por feixe é pago aos que moram na Usina.

DESESPERO E AMEAÇAS

Prova do desespero e do ódio de que estão tomados os exploradores em face da fundação dos sindicatos rurais, é a atitude dos tubarões da firma Irmãos Cury. Traça-se de uma firma de embarcadores que se apodera

de quase todo o arroz produzido na zona mogiana, que possui máquinas de beneficiar cereais em Ribeirão Preto, Ituverava, etc., além de grandes frotas de caminhões, grandes armazéns no interior e na Capital do Estado.

Jamil Cury, um dos membros da família de tubarões levou alguns tiras à Usina Martinópolis para fazer um "comício" contra o trabalhador que liderou a fundação do Sindicato dos Trabalhadores das Usinas de Açúcar de Serrana. O fato se deu em sua usina localizada na fazenda Martinópolis. Os tiras afirmaram que se os trabalhadores da Usina Martinópolis fizessem greve teriam dois anos de prisão. Mas os trabalhadores não se intimidaram. Continuam prestigiando o seu sindicato e aqueles que se destacam na luta pelas suas reivindicações.

DESMASCARANDO OS INIMIGOS

O prefeito de Serrana foi eleito à base de mil promessas, inclusive de que contrataria trabalhadores, etc. Mas

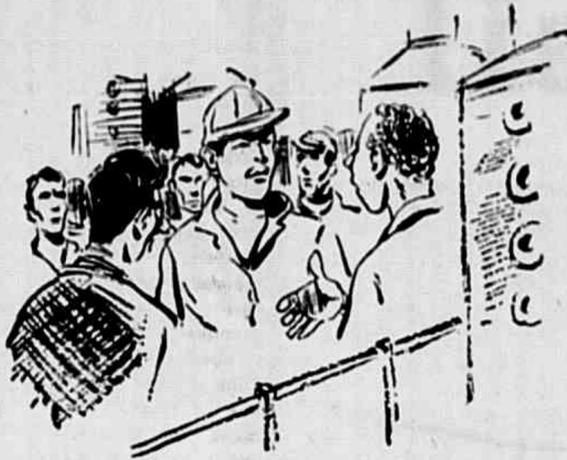
EU TINHA ERA FOME!

RECEBEMOS de um leitor de Araraquara, Estado de S. Paulo, a seguinte carta:

Sabedor de que esse jornal tem-se interessado pelos ferroviários da Estrada de Ferro Araraquarense, e que tem feito diversas publicações a respeito do atraso de pagamentos e como fui vítima de uma injustiça motivada precisamente por isso, é que escrevo esta carta.

Era guarda-treito daquela ferrovia e tinha minha sede em São José do Rio Preto. Sendo solteiro, morava numa pensão. Certo dia fui escalado para trem de passageiro. A pensão já não mandava mais comida à linha porque nós estávamos com os pagamentos em atraso havia dois meses. Se não conferissemos a escala seríamos severamente punidos. Tínhamos que viajar sem alimento porque não tínhamos um tostão sequer para comprá-lo em viagem. Além de serem baixos os nossos salários, e de termos tantos descontos a Estrada estava com três meses de atraso nos pagamentos. A situação dos ferroviários é de permanente e extrema miséria. Nesse dia trabalhando ao longo da linha com muita fome e sem recursos de espécie alguma tendo recebido 30 cruzeiros para a liquidação de uma passagem perdi o controle e gastei esta importância que iria ficar sob minha guarda. Este fato foi levado ao conhecimento da administração da Estrada e fui chamado para responder a inquérito. Diante de minha justificativa fui posto na rua como ladrão.

Sr. Redator, eu protesto contra isso, pois sou filho de pais modestos, família muito pobrezinha, mas gente de caráter e nunca um dos meus entes queridos aceitará, o nome de "ladrão". É este o motivo de meu protesto, pois não sou ladrão e nunca hei de ser. Se Deur quiser. Se eu gastei esta importância, foi para matar minha fome. O que aconteceu comigo poderá acontecer com outros colegas. Os responsáveis por isto são aqueles que não pagam os funcionários em dia e não pagam salários dignos. Espero que este jornal e algumas pessoas de bom coração compreendam minha situação e me coloquem novamente na E. F. A. porque eu não sou ladrão. Eu tinha era fome."



depois passou às perseguições e dispensou arbitrariamente um servidor público. O povo protestou e organizou abaixo-assinados. Três vereadores ficaram ao lado do povo e apresentaram o protesto. Foi um «tempo quente» na Câmara. O presidente, sr. Angelo Cavaliere, dono de três fazendas se alarmou todo dizendo que o protesto do povo era agitação comunista e que estava sendo ameaçado. Chegou a deli-

xar a presidência e pôs-se a gritar no recinto. Como em Serrana a Câmara dos Vereadores é composta em sua maioria de fazendeiros ou de elementos a eles ligados, a moção de protesto não foi aprovada. Mas um fato ficou claro. É que uns poucos vereadores que acolhem a vontade popular e um simples movimento de protesto são o bastante para lançar o pânico entre os latifundiários e exploradores.

A VITÓRIA DA CAMPANHA DOS 50 MILHÕES SERÁ A VITÓRIA DOS CANDIDATOS

O nosso leitor Adão Voloch escreve sobre a Campanha dos 50 milhões um artigo do qual destacamos o seguinte: "Lançada a campanha dos 50 milhões a cruzzeiros é com o entusiasmo de sua arrancada que deverá prosseguir. Um movimento desses tem sucesso na proporção que se mantém e crescem o entusiasmo, as iniciativas e a extensão da propaganda.

O povo contribui quando toma conhecimento dos objetivos e quanto mais é esclarecido dos objetivos mais contribui. Disso se compreende que o maior instrumento da campanha é a divulgação dos programas dos candidatos populares: levar ao povo a palavra-de-ordem de derrotar os entreguistas e eleger os patriotas é a chave das contribuições.

Estendendo a propaganda conquistaremos mais eleitores pois todo aquele que contribuirá será um leitor da chapa popular. Disso se compreende que o sucesso das eleições está no maior número de cidadãos que forem atingidos pela propaganda da campanha.

É preciso ter em vista que o monopólio da propaganda dos candidatos entreguistas pode ser contrabalanceado pela capacidade de organização e amplitude das iniciativas dos ativistas da campanha, dos cabos eleitorais dos candidatos populares. Isto porque, cada contribuinte se transfor-

Violência Policial

UM leitor da VOZ OPERÁRIA escreve de Mossoró denunciando a violência policial cometida contra o operário André Alves de Oliveira, pedreiro, casado, pai de quatro filhos. O operário ia em direção de sua residência; estivera palestrando com amigos e bebera um pouco, mas não promovia desordem nem ameaçava ninguém. Entretanto, o soldado Expedito de tal, com brutalidade abordou-o e lhe tomou um punhal dando-lhe depois bofetadas a torto e a direito. Não satisfeito o policial lhe tomou uns óculos que custaram 70 cruzeiros e não houve até agora devolução.

O nosso leitor que afirma ser o pedreiro um rapaz de bom caráter protesta contra essa violência policial.

COMPLETARAM-SE dia 29 de julho último cinco anos que, na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará, foi assassinado bárbaramente pelos nazistas, o meu companheiro, Jaime Calado. Todo o povo, especialmente o cearense, está lembrado de mais este covarde crime praticado pelos laçais de Plínio Salgado, quando em 1949, visitava o Nordeste com o plano de ressuscitar o fascismo em nossa pátria. Jaime, um patriota que sempre lutou ao lado do povo, foi também nesse dia demonstrar seu protesto e o seu ódio aos traidores fascistas e todos os que os acompanham.

Durante os 10 anos de convivência matrimonial, sempre conheci Jaime como um combatente contra toda espécie de exploração, lutando incansavelmente por dias melhores, não perdendo jamais oportunidade para explicar às massas oprimidas o prejuízo que causava ao povo a implantação do nazismo. Desde sua juventude, com grandes sacrifícios dedicou-se exclusivamente ao Partido Comunista. Por isso foram inúmeras as prisões e torturas por ele sofridas nos cárceres da reação. Mas Jaime nunca se curvou diante de qualquer ameaça. Sempre foi um militante firme e honesto para com o Partido e seus companheiros.

Aos 23 anos, ao sair de uma dura e injusta prisão, libertado graças aos protestos do povo, Jaime casou-se comigo; realizamos assim um velho plano cuja realização havia sido até então impossível.

Dentro de nosso modesto lar reinou sempre completa harmonia e Jaime nunca vacilou diante da realização de qualquer tarefa do Partido, sabendo dividir corretamente o seu tempo.

Em 1939 nasceu nossa primeira filha, Nadedja, cujo nome Jaime pronunciava com muito carinho. Depois vieram Stenka; finalmente, mais quatro: Klara, Marat, Ludmila e Olga. Como pai era incomparável. Nem gosto de lembrar do amor e da dedicação com que ele cercava nossos filhos; e quanta estima lhe dedicavam as crianças.

Ao narrar estes pequenos fatos da vida de Jaime, quero mais uma vez lançar o meu protesto revoltado, em nome dos meus seis filhos que hoje não têm o direito de pronunciar a palavra pai; meu protesto revoltado contra todos os assassinos que roubam a vida de homens honestos que lutam em benefício do povo.

Continuamos a luta que Jaime não pôde levar à frente conservando sempre na memória aquelas palavras que ele pronunciou ao sair de casa para não mais voltar:

«Guida, hoje é dia de combatermos o fascismo em praça pública. Não falte ao comício. Nadedja fica contando conta dos irmãos, está ouvindo, filha?».

O PROGRAMA FAZ CRESCER O PARTIDO

JOSE MARCOLINO MEIRELES (Triângulo Mineiro)

Queria me dirigir hoje a todos os meus companheiros camponeses, a fim de mostrar-lhes como o Programa do Partido Comunista abre um imenso campo para reforçar o nosso glorioso P. C. B. e auxiliar o seu crescimento.

Há de haver uns dois meses, entusiasmado pelo Programa, e lendo os trabalhos dos nossos camaradas sobre a necessidade de divulgar rapidamente esse documento, pensei em fazer uma discussão sobre o mesmo em minha casa.

Os convidados para essa discussão compareceram em sua maioria e, ao começar a palestra, contavam-se quinze pessoas presentes. O Programa foi lido e explicado em todos os detalhes, tendo eu ligado os seus pontos às reivindicações mais imediatas e sentidas pelos camponeses de meu lugar.

Ao fim, foi proposto que cada um dos presentes desse sua opinião sobre o que havia ouvido. Muitos camponeses falaram logo, mas outros principiaram por fazer perguntas, as quais eu procurava responder o mais acertadamente e mais de acordo com as palavras do próprio Programa. Conveni-me então de que o Programa agradara em cheio a todos os presentes e fora por todos recebido com entusiasmo e alegria.

Com a compreensão de que é necessário fazer crescer o Partido, resolvi ter audácia e perguntar aos presentes:

— Qual de vocês, companheiros, quer entrar para o nosso Partido, agora que já conhecem o seu Programa?

Esperava que alguns dos presentes pudessem responder afirmativamente. Mas não contava com o que aconteceu: Todos os quinze cam-

poneses ingressaram prontamente no glorioso Partido de Prestes, parecendo que as minhas palavras era aquilo que eles esperavam ansiosamente.

Outra experiência vim a ter pouco depois, e desta vez em local bem distante do da primeira.

Em casa de um campeão, situada num município distante cerca de 36 léguas da Cidade mais próxima de minha casa, onde tinha ido passar uns dias, notei que aquele velho amigo era a mesma estimada e respeitada por todos os camponeses das redondezas. Li para ele o Programa e ele mostrou-se muito entusiasmado com as soluções apresentadas nessa carta política. Propus-lhe então que ali se fizesse um debate como o que eu já havia promovido. O meu companheiro aquiesceu com alegria.

A hora marcada para o debate, nada menos de 30 camponeses reuniram-se à luz do lampião. A leitura foi feita, seguiram-se os debates como da vez anterior. Agora já sem nenhuma vacilação, após os mais amplos debates, e quando ninguém tinha mais nenhum esclarecimento a pedir, fiz a pergunta:

— Quem quer entrar para o Partido Comunista do Brasil?

E o resultado, como da primeira vez, foram trinta novos membros que o P.C.B. ganhou naquele longínquo recanto de Minas.

Eram estas as experiências que eu queria transmitir aos meus companheiros, experiências que mostram como o Programa ajuda a fazer crescer o Partido, bastando para que isto se torne realidade, que atuem com audácia e seu vacilações, na grande tarefa de recrutar novos quadros para o P.C.B.

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável
Aydano do Couto Ferraz
MATRIZ
Av. Rio Branco, 257, 17.
and. sala 1712
SUCURSAIS

São Paulo — Rua dos Estudantes, 84, s/ 29 — 2.º andar.
P. Alegre — Rua Voluntários da Pátria, 527, sala 46.
Recife — Rua da Palma, 396, s/ 206, Ed. Sacl.
Salvador — Rua João de Deus, 1, s/1.
Fortaleza — Rua B. do Rio Branco, 1248, s/22.

Endereço telegráfico da Matriz e das Sucursais:
VOZPERIA
ASSINATURAS

Anual	Cr\$ 60,00
Semestral	30,00
Trimestral	15,00
N. avulso	1,00
N. atrasado	1,50

Este semanário é reimpresso em S. PAULO, PORTO ALEGRE, SALVADOR, RECIFE, FORTALEZA E BELEM.

O Petróleo Da Rumânia

O primeiro pequeno país rico em petróleo que fabrica a maquinaria para sua própria indústria petrolífera

Venezuela, Pérsia, Arábia... Países dotados de imensas reservas petrolíferas e que figuram nas estatísticas mundiais como grandes produtores. Mas apesar do petróleo ser a sua principal fonte de riqueza nenhum deles dispõe de fabricação própria da maquinaria indispensável para a indústria petrolífera. Tudo depende do exterior, dos grandes trustes, especialmente dos trustes americanos.

No mundo inteiro só existe um pequeno país rico em jazidas de petróleo que produz todos os equipamentos necessários para desenvolver sua própria indústria petrolífera. E mais ainda: pela primeira vez na história ocorre que esses implementos passaram a ser produzidos também para a exportação por um país até há pouco relegado à situação de simples produtor de matéria-prima, no caso, o petróleo bruto.

Esse país é a Rumânia democrático-popular.

Nas garras da Standard Oil

A exploração do petróleo rumeno começou em fins do século passado. Quando a existência de ricas jazidas de ouro negro ficou completamente positivada, os trustes internacionais e os corvos da alta finança voltaram suas atenções para a Rumânia. Em 1904, a Standard Oil criou a Sociedade Petrolífera Romano-Americana.

Em dez anos, 1904 a 1914, quase toda a indústria petrolífera do país passou ao controle estrangeiro. No total dos capitais nela investidos somente 8,1% eram nacionais. 82% pertenciam aos consórcios anglo-americanos. Em 1940 o capital estrangeiro dominava 89% da produção total do país.

Tudo para a exportação

Apenas 18% da produção total de petróleo eram consumidos no país. Favorecidos pelo jogo dos preços no mercado internacional, os trustes destinavam o grosso da produção, 82 por cento para a exportação. Além do fraquíssimo consumo interno, o que já revela por si mesmo que o petróleo não era utilizado para o progresso do país, essa política acarretou enormes prejuízos financeiros. Pois, importantes somas provenientes da exportação do petróleo ficaram bloqueadas nos países de moeda dirigida.

VOZ OPERÁRIA
Nos. 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 26 e 191

Tendo-se esgotado as edições de VOZ OPERÁRIA N.ºs. 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 26 e 191, solicitamos dos nossos leitores e amigos que tenham exemplares dessas edições, o favor de nos-las remeterem com urgência a fim de que possamos suprir falhas de nosso arquivo, pelo que muito agradecemos.

A REDAÇÃO

Outro aspecto dessa situação é que os trustes anglo-americanos detentores das jazidas de petróleo rumenas somente se interessavam pela produção de petróleo bruto. As poucas refinarias instaladas na Rumânia, ao contrário do que acontece nos outros países, davam uma porção muito pequena de gasolina. A Rumânia, produtora de petróleo, tinha que importar numerosos derivados do petróleo, pagos a preços extorsivos aos próprios trustes a quem entregara suas jazidas.

Como se sabe, o petróleo não é apenas um combustível, mas também uma preciosa matéria química. Do petróleo extraem-se solventes para a indústria química, vaselinas e óleos industriais, vaselinas medicinais e uma série de outros produtos. A política imperialista de exportação de petróleo bruto privava o país de todos esses recursos.

Lucros de rapina, atraso organizado

As aves de rapina imperialistas organizaram sistematicamente o atraso técnico da indústria petrolífera rumena. Deliberadamente, utilizavam métodos irracionais de exploração. Assim, era empregado o processo primitivo de extração por irrupção livre, o que ocasionava a perda de matéria prima num volume que o próprio governo de traidores e entreguistas calculava em bilhões de «leis» por ano. («Leis», moeda rumena). Os gases naturais que se desprendiam não eram utilizados sequer para regular a pressão nos poços. Cálculos da época cifram o prejuízo ocasionado pelo desperdício premeditado dos trustes em dois bilhões de metros cúbicos de gás por ano, no valor de mais de um bilhão de «leis».

Os trustes não permitiam que se criasse no país a indústria necessária à produção da complicada maquinaria petrolífera. Importavam as máquinas a preços elevados, pagando em divisas, acentuando ainda mais a dependência do país em relação ao exterior. A exploração intensiva dos trabalhadores rumenos lhes deu lucros fabulosos. As estatísticas da época, divulgando cifras muito abaixo da realidade,

davam os lucros do período de 1920-1933 em cerca de 12 bilhões de «leis».

Mais um povo que se liberta

O domínio dos trustes anglo-americanos tinha uma influência nefasta em toda a vida do país. Eles mantinham no poder, de mãos dadas com os latifundiários e a minoria de grandes capitalistas a eles associados, um regime despótico e de traição nacional. As liberdades democráticas eram violadas, o movimento operário reprimido a ferro e fogo, os cárceres cheios de patriotas. A Rumânia foi arrastada à aventura da guerra contra a União Soviética junto com as hordas de Hitler.

Mas chegou o dia da libertação com a vitória do glorioso Exército Soviético. O povo rumeno pôde tomar o seu destino em suas próprias mãos e instaurou o regime democrático-popular. A indústria do petróleo foi nacionalizada. Os trustes imperialistas, surpreendidos em flagrante no crime de sabotagem, foram expulsos do país.

No fim da segunda guerra mundial, a indústria petrolífera rumena estava praticamente destruída. Os poços estavam quase esgotados, muitos tinham sido abandonados ou destruídos pelos bombardeios, as jazidas inundadas e não havia nenhuma reserva assinalada por pesquisas ou sondagens.

Os imperialistas esperavam que devido a essa situação e à falta de técnicos e de uma indústria própria a Rumânia seria forçada a dobrar o joelho diante da «ajuda» americana.

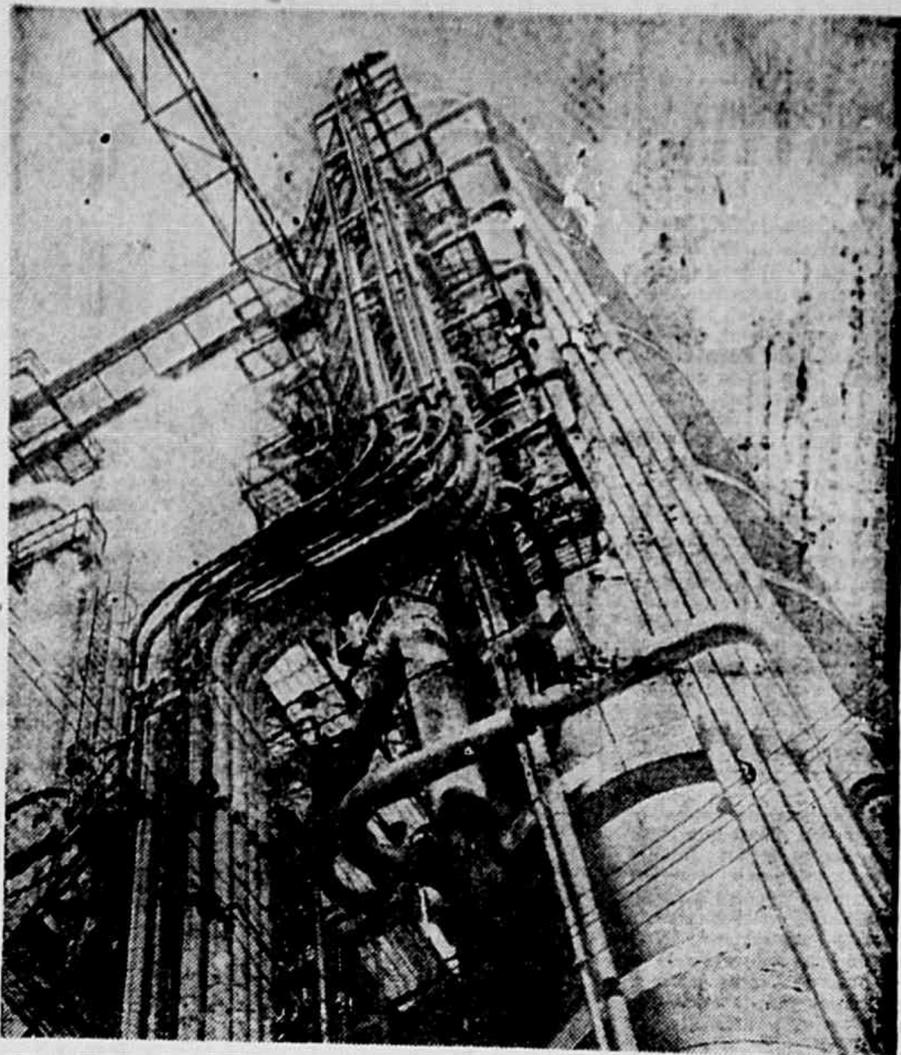
A realidade demonstrou que esses cálculos falharam vergonhosamente. E' da natureza do imperialismo a incapacidade de compreender que um povo libertado é capaz de remover montanha.

Um novo tipo de relações internacionais

Logo depois da libertação a produção de petróleo caiu assustadoramente. Caiu em

PELA primeira vez na história, um pequeno país rico em petróleo produz todo o equipamento necessário a essa indústria. Graças à ajuda da União Soviética isto se tornou possível. Este é um exemplo do que significa na prática uma política de amizade com o grande país de Lênin e Stálin.

E' nesta época, quando está ao alcance dos povos a conquista da sua completa emancipação, do progresso e da felicidade, quando os povos grandes e pequenos podem realizar o seu desenvolvimento independente, que o vende-pátria Getúlio Vargas tenta fazer da Petrobrás um instrumento do entreguismo mais cinico e descarado. O velho agente imperialista Juraci Magalhães é colocado à testa da Petrobrás e entrega à Standard Oil, tal como fizeram os traido-



A Rumânia fabrica todo o equipamento petrolífero que necessita e ainda exporta grande quantidade dessas máquinas. Isto foi possível graças à ajuda da União Soviética.

mais de 50%. Não se tardou em verificar que os traidores Atanase Cristodulo, diretor da Romano-Americana, Constantin Matasar, antigo diretor da Steuaua Romana, Cesar Popescu da Astra Romana, Alexandru Alexandri, do partido da grande burguesia rumena, tinham constituído, sob a direção da Standard Oil, o «Management Committee», com a tarefa de coordenar a ação de sabotagem e espionagem na Rumânia democrático-popular. Durante o seu domínio de 40 anos, a subsidiária da Standard Oil na Rumânia, tinha aumentado seu capital de 2,5 milhões para oito bilhões, isto é, para 3.200 vezes mais. Para voltar a esse domínio, os bandidos imperialistas e seus lacaios rumenos organizavam a sabotagem e a espionagem, o que causaria a catástrofe e facilitaria a volta dos trustes sob a capa da «ajuda» americana.

Esse processo revelou mais uma vez que tipo de relações internacionais adotam os governos dos países do campo imperialista dirigido pelos Estados Unidos. Eles seguem a linha da espoliação e do domínio dos povos.

Mas, hoje, os povos não estão sós na sua luta pela independência e o progresso. Ao seu lado está a podero-

sa e invencível União Soviética, que introduziu no mundo um novo tipo de relações internacionais, baseado na ajuda desinteressada, no respeito à soberania de todos os povos, na igualdade e na reciprocidade.

A multilateral ajuda soviética pôs à disposição da Rumânia especialistas e documentação técnica, implementos petrolíferos para imediato emprego e os meios para instalar a indústria rumena de máquinas indispensáveis à exploração dos recursos petrolíferos do país.

A produção da Rumânia em 1953 foi superior a 11 milhões de toneladas de petróleo, 12% mais do que em 1952, 136% mais do que em 1947.

Hoje, a Rumânia está fornecendo as mais variadas máquinas para a indústria petrolífera para numerosos países, como é o caso da Argentina.

Vertiginoso progresso

A extração se faz de acordo com planos científicos, visando a obtenção do máximo de petróleo bruto. Obtem-se o dobro do que se conseguia com os processos antigos. Numerosos poços abandonados foram recupe-

rados. Centenas de engenheiros trabalham na instalação de novas refinarias com equipamentos produzidos no país.

De 1929 a 1933 somente dez alunos foram matriculados na seção de minas e metalurgia da Escola Politécnica. Mas em 1953 terminaram os cursos do Instituto de Petróleo 350 engenheiros. Cresce dia a dia o prestígio dos produtos petrolíferos rumenos no exterior, pois são estandarizados e o controle estatal assegura a rigorosa observância das prescrições técnicas concernentes à qualidade e ao transporte. Numerosos tipos novos de máquinas foram produzidos, introduzindo-se métodos e processos mais avançados e de maior rendimento.

As condições de vida e de trabalho melhoraram radicalmente para dezenas de milhares de operários petrolíferos. Seus salários aumentam, surgiram escolas, hospitais, teatros, casas de cultura, milhares de moradias novas e limpas. Somente em 1953, 17.000 operários da indústria petrolífera passaram suas férias em estações balneárias e climáticas, antes reservadas aos magnatas estrangeiros. O país está nas mãos dos seus verdadeiros donos.

O Petróleo é nosso

res da Rumânia e de todos os países, os recursos petrolíferos do Brasil e os frutos do trabalho dos brasileiros. Ao mesmo tempo, Vargas faz-se surdo ao clamor de nosso povo pelo reatamento de relações diplomáticas e comerciais com a União Soviética.

Por isso, Mataripe e Cubatão, nossa frota de petroleiros trabalham para a Standard Oil. Vargas quer nos impor o caminho da escravidão imperialista. Mas o povo brasileiro anseia e luta pelo desenvolvimento independente da economia nacional, exige o estabelecimento de uma política de paz e amizade com a União Soviética. O exemplo da Rumânia, um exemplo entre tantos, mostra que a causa do povo brasileiro é justa e por isto é invencível.

ESTUDANTES PELO REATAMENTO COM A U. R. S. S.

A Comissão de Problemas Nacionais do XVII Congresso Nacional de Estudantes, que acaba de realizar-se na Universidade Rural, aprovou a tese que reclama o estabelecimento de relações comerciais com todos os países. A tese aprovada insiste particularmente no reatamento imediato de relações comerciais e diplomáticas do Brasil com a União Soviética.

Dessa forma o clamor dos jovens estudantes, parcela importante da mocidade brasileira, se junta à exigência cada vez mais vigorosa que parte dos mais diversos círculos políticos e econômicos e que encontra um número crescente de partidários em todas as classes e camadas sociais, além de representar uma reivindicação do proletariado brasileiro.

São as próprias necessidades da vida diária que já se incumbem de tornar patente que os interesses vitais de nosso povo impõem o reatamento de relações com o grande país soviético. Nem a conhecida subserviência do governo de Vargas aos trustes americanos, nem mesmo a intervenção insolente de mister Kemper, o embaixador dos trustes de Wall Street no Brasil, conseguem mais impedir, por exemplo, a exportação do trigo soviético. O fato dessas transações serem feitas indiretamente e num volume extremamente limitado somente serve para demonstrar que enormes são os prejuízos causados pela falta de relações normais e regulares entre os dois países. Não escapa aos jovens a grande verdade de que as relações com a URSS são indispensáveis para o desenvolvimento independente da economia nacional.

O novo tratado de comércio e pagamentos entre a União Soviética e os nossos vizinhos do Uruguai fala eloquentemente das vantagens do comércio com a URSS, que se procede em bases de igualdade e recíproco interesse. Não pode haver «gravosos» que acarretam desvalorização da moeda e carestia, quando um país pode receber da URSS petróleo, carvão, papel de imprensa, produtos químicos, maquinaria e madeira em troca de carnes, couros e lãs, que são os produtos exportáveis do Uruguai.

Os jovens estudantes brasileiros não poderiam ficar insensíveis ante a brilhante atuação das delegações soviéticas nos congressos científicos que acabam de encerrar seus trabalhos em nossa pátria — o de energia e o de luta contra o câncer. Esses importantes conclaves tornaram patente os prejuízos imensos causados ao nosso desenvolvimento cultural e científico pelo isolamento bárbaro imposto ao Brasil pelos imperialistas lanques. O intercâmbio com o país soviético, portador dos maiores feitos da ciência do mundo, não pode ficar subordinado às disposições da embaixada americana.

A decisão do Congresso da UNE refletiu uma reivindicação patriótica do todo o povo e comprova a grande amplitude da luta pelo reatamento de relações com a URSS.



A JUVENTUDE BRASILEIRA tem dado numerosas e vibrantes demonstrações de seu patriotismo e disposição combativa pela preservação da soberania nacional e a conquista de dias melhores para nosso povo. Na luta contra a carta de colonização e guerra, que é o infame «acordo militar», ocuparam e ocupam os jovens um posto de honra na primeira fila. A União da Juventude Comunista, vanguarda de nossa mocidade, liga-se profundamente às massas juvenis, é sua mais alta e fiel intérprete e as conduz ao combate e à vitória.

O Programa do P.C.B. E' o Nosso Programa

POR MOTIVO de passagem do 4º aniversário de fundação da União da Juventude Comunista, a Comissão Nacional de U.J.C. dirigiu aos jovens de todo o Brasil a seguinte proclamação: «MOCIDADE BRASILEIRA!

COMPANHEIROS E COMPANHEIRAS DA UNIÃO DA JUVENTUDE COMUNISTA!

Por ocasião da passagem do 4º aniversário da União da Juventude Comunista, em agosto, a Comissão Nacional da UJC congratula-se com a mocidade brasileira por essa nova etapa cumprida na luta pelos direitos da juventude.

JOVENS BRASILEIROS!

Enviamos a vós nossa saudação fraternal e a todos conclamamos para a luta heróica pela libertação do Brasil dos opressores americanos e de seus agentes internos, representados pelo governo de Vargas.

COMPANHEIROS E COMPANHEIRAS DA UJC!

A comemoração de mais um aniversário da organização de vanguarda da juventude brasileira é um poderoso estímulo para as nossas atividades e um marco histórico em nossa existência, pois hoje temos desfraldada à nossa frente a bandeira invencível do Programa do Partido Comunista do Brasil, Programa que rasga novos horizontes para a conquista de um futuro feliz e radioso para os jovens brasileiros.

O Programa do PCB é o nosso programa, e sua divulgação é nossa tarefa permanente. Devemos levá-lo a todos os rincões do país, aos jovens das fábricas, fazendas, clubes e escolas, a todos esclarecer e mobilizar para a luta pela concretização do Programa. E' nossa tarefa fundamental ganhar as amplas massas juvenis para a derrubada do governo de Vargas, inimigo de nosso povo, e pela conquista de um governo democrático de libertação nacional.

E' nosso dever primordial lutar pela paz, tarefa central e decisiva de toda a humanidade progressista. Saudamos a expressiva vitória, das forças da paz, dirigidas pela grande União Soviética, com a assinatura do acordo de Genebra, que pôs fim à guerra na Indo-China. Intensifiquemos nossos esforços pelo alívio da tensão internacional e pela salvaguarda da paz.

Levantemos mais alto a luta pela libertação nacional, pelas liberdades democráticas, pelos direitos e reivindicações da juventude! Com audácia e entusiasmo lançemo-nos na campanha eleitoral, tarefa de excepcional envergadura e que nos permitirá dar grandes passos na estruturação da frente democrática de libertação nacional. De forma juvenil e vigorosa, levemos a palavra dos candidatos populares a toda a juventude de nossa terra. A todos digamos: derrotai os entreguistas e reacionários, eleigi os patriotas!

JOVENS OPERÁRIOS! JOVENS CAMPONESES! JOVENS ESTUDANTES! JOVENS ESPORTISTAS! Ingressai na UJC, a única organização juvenil que luta por vossos direitos! Suas portas estão abertas a todos os jovens honestos, que desejam lutar por uma Pátria livre e feliz.

COMPANHEIROS DA UJC!

A Comissão Nacional vos conclama à luta! Forjemos uma grande e poderosa UJC, educada nos elevados princípios da moral comunista. Sejam dignos de nosso Presidente de Honra, o invicto Cavaleiro da Esperança, Luiz Carlos Prestes, seguindo intrepidamente o caminho que ele nos indica, o caminho do querido e glorioso PCB!

1.º de agosto de 1954

A Comissão Nacional da União da Juventude Comunista.

Decisão unânime do proletariado paulistano

Greve Geral em São Paulo Marcada Para 2 de Setembro

UNIDOS como um só homem no Pacto de Unidade, os trabalhadores paulistas oferecem um exemplo de combatividade e organização na luta por aumento geral de salários, aplicação do salário mínimo sem restrições e pelo congelamento dos preços. Em assembleias simultâneas, que se realizaram em diversos cinemas paulistanos, porque as sedes sindicais já se tornaram pequenas, metalúrgicos, têxteis, marceneiros e gráficos, os mais importantes e mais poderosos sindicatos de S. Paulo, tomaram a decisão de decretar a greve geral para o dia dois de setembro próximo.

Diante da negativa dos patrões, de suas manobras divisionistas e da alta constante dos preços, numerosos foram os trabalhadores em diversas assembleias que se dispunham à greve imediata. Mas os dirigentes mais esclarecidos e experimentados explicaram a necessidade de uma metódica organização, de uma intensa propaganda, fábrica por fábrica, da mobilização de todo o povo para a grande demonstração, a fim de que a greve se tornasse um acontecimento impressionante. A resolução foi unânime.

Foi organizado, desde logo um quartel geral da greve para o qual cada sindicato destacou vários de seus dirigentes mais capazes e prestigiosos, tendo as respectivas assembleias decidido que os mesmos se desligassem do serviço nas fábricas para melhor atuarem na organização e preparação da greve geral. Os piquetes começam a funcionar e já: grupos de operários farão visitas de confraternização e esclarecimento às fábricas vizinhas, os dirigentes sindicais irão às fábricas para debater as resoluções das assembleias, os sindicatos organizarão comissões de bairro para a luta contra o congelamento. Os gráficos resolveram realizar greves parciais de preparação à greve geral de 2 de setembro.

Ao mesmo tempo foram designados os representantes dos sindicatos à delegação do Pacto de Unidade que participará da próxima assembleia do Sindicato dos Camponeses de Monte Aprazível. Na luta por aumento de salário, pela aplicação do salário-mínimo e pelo congelamento dos preços, os Sindicatos paulistas repudiam as propostas patronais de aumento sujeito à assiduidade e desmascaram a política de fome do governo. Foram aprovados protestos contra o aumento do pão e exigida a representação majoritária dos trabalhadores e do povo na COAP e na COFAP.

Importante resolução foi tomada contra as calúnias das «Folhas». Os trabalhadores ergueram veemente protesto contra as instruções do S.T.E., que visam impedir a eleição de patriotas, notadamente dos trabalhadores. A luta pelas reivindicações econômicas ergue-se ao nível da luta pelas liberdades e franquias democráticas. O Pacto de Unidade está em marcha.

Vida Dos Partidos Comunistas

XXXII ANIVERSÁRIO DO P. C. DO JAPÃO

A 15 DE JULHO último transcorreu o XXXII aniversário da fundação do Partido Comunista do Japão. A data foi comemorada com uma grande assembleia, realizada dia 14, em Tóquio, na qual fularam destacados dirigentes do P. C. do Japão, tendo o camarada Syoichi Kasuga, presidente do órgão Dirigente Central do Partido Comunista pronunciado um informe sobre a situação do Partido e a luta dos comunistas pela paz. A data foi celebrada igualmente em todas as organizações do Partido. Por ocasião do XXXII aniversário do P. C. foram editados muitos cartazes e folhetos de agitação, dedicados à luta do Partido Comunista pelos interesses dos trabalhadores, pela paz e a independência do país.

PLENO DO C. C. DO P. C. ARGELINO

REUNIU-SE, RECENTEMENTE, o Pleno do C. C. do Partido Comunista Argelino. No informe prestado nessa ocasião, o camarada Bachir Hadj Ali, Secretário do Partido, depois de referir-se às questões internacionais e à situação interna do país, assinalou a necessidade de promover uma unidade de combate do proletariado e de todo o povo da Argélia com o proletariado e o povo da França.

expôs as tarefas do Partido: organização da luta unida pela anistia, pelo respeito às liberdades democráticas e o cumprimento das cláusulas de caráter progressista do estatuto político da Argélia (igualdade de língua árabe, liberdade de cultos, liquidação do regime de comunas mistas, quer dizer, da preponderância da administração colonial francesa nas comunas e concessão do direito de voto às mulheres muçulmanas); solidariedade com os povos da Tunísia e Marrocos, volta do corpo expedicionário na Indo-China, luta pela interdição da bomba de hidrogênio e contra a «Comunidade Européia de Defesa»; luta pela satisfação das reivindicações das massas trabalhadoras.

O informante indicou que o Partido deve realizar um grande trabalho de popularização de sua política referente à questão nacional e lutar pela independência nacional do País. Atualmente, acrescentou Bachir Hadj Ali, não há nada mais importante do que prosseguir nossa apaixonada e tenaz luta para forjar a unidade do povo argelino na Frente Nacional Democrática Argelina. Prosseguindo, Bachir Hadj Ali

O camarada Larbi Buhali, Secretário do Partido, pronunciou o discurso de encerramento do Pleno.

ELEVAÇÃO DO NÍVEL IDEOLÓGICO DOS QUADROS DO P. C. DA CHINA

Desde que foram publicadas pelo Comité Central do Partido Comunista da China as «Diretivas para elevar o nível ideológico dos quadros do Partido e da economia nos anos de 1953 e 1954», notáveis êxitos foram obtidos na preparação teórica dos quadros. Foram preparados em todo o país 13.000 professores e conferencistas para os cursos superiores, médios e elementares de elevação do nível ideológico. Os professores e conferencistas ajudam os alunos a assimilar o marxismo-leninismo, participam das discussões e organizam o intercâmbio entre os alunos. Foram organizadas numerosas consultas para os que assistem os cursos. Uma vez estudados os temas, os alunos dos cursos superiores elaboram dissertações e nas escolas médias e elementares são feitos exames orais.

TRIBUNA DO IV CONGRESSO

PUBLICAMOS nesta edição da VOZ OPERARIA, em suplemento, os principais documentos relativos à grande vitória da paz que são os acordos estabelecidos em Genebra e que puseram fim à guerra na Indo-China. Dada a grande importância e importância desses documentos, somos forçados a adiar a publicação dos artigos da TRIBUNA DO IV CONGRESSO desta para a próxima edição de nosso semanário.

Como Utilizar a VOZ OPERÁRIA Nas Lutas Diárias de Nosso Povo

NAS LUTAS patrióticas que se desenvolvem em nosso país, cabe um importante papel aos órgãos da imprensa popular, particularmente à VOZ OPERÁRIA. Nosso semanário reflete essas lutas, transmite experiências e exemplos, dá ao leitor um panorama dos fatos mais significativos da vida internacional e nacional. VOZ OPERÁRIA orienta politicamente os leitores e ajuda-os a melhor avaliar os acontecimentos em curso. Estimula e propaga constantemente a luta pela paz e esclarece e destaca as lutas que se processam no Brasil visando à libertação do país do jugo imperialista norte-americano, à derrocada do poder dos latifundiários e grandes capitalistas aliados aos monopólios ianques e à conquista de um novo poder a serviço do povo — o governo democrático de libertação nacional.

Como utilizar VOZ OPERÁRIA nas lutas pelas reivindicações aos trabalhadores e das massas camponesas, nas campanhas patrióticas pela libertação nacional, em defesa das liberdades democráticas e na tarefa histórica de tornar o Programa do P.C.B. — Programa da Salvação Nacional — no Programa de todo o povo?



No Movimento de Libertação Nacional

A VOZ OPERÁRIA é um instrumento importante na luta contra o imperialismo norte-americano e seus lacaios no Brasil, representados pelo governo de Vargas: denuncia a penetração imperialista, a política de traição e entreguismo dos governantes e estimula e orienta as lutas de nosso povo pela emancipação nacional.

É preciso levar o jornal a todos os patriotas, esclarecendo assim e chamando a luta aos que ainda não participam ativamente do movimento patriótico em defesa da independência nacional ameaçada pelos trustes americanos. Tornando-se leitores de VOZ OPERÁRIA, novos milhares e milhares de trabalhadores e homens do povo compreendem mais claramente a necessidade de lutar e unir todos os patriotas no combate comum pela libertação nacional.

NECESSÁRIO A TODO O POVO ÚTIL EM TÔDAS AS LUTAS

EM TODAS as campanhas e entre todos os setores do povo, o jornal tem um papel a desempenhar. Existem ainda muitas maneiras de aproveitar o jornal, entre as quais:

- ★ — Levar o jornal aos camponeses, nas vilas, povoados e fazendas, divulgando e organizando a leitura das reportagens sobre a vida no campo e sobre as lutas camponesas e dos trabalhadores rurais.
- ★ — Distribuir o jornal entre as donas de casa nos movimentos contra a carestia e nas associações populares e femininas.
- ★ — Utilizar o jornal para a feitura de jornais murais, nas ruas e portas de fábrica, aproveitando uma ou algumas matérias de maior interesse ou a página-cartaz.
- ★ — Tornar conhecido o jornal entre os partidários da paz e todos os que relem a ameaça de uma terceira guerra mundial.



O JORNAL é um importante animador da campanha para eleger patriotas e derrotar os candidatos entreguistas. Orienta os leitores, denunciando as manobras dos cassa-votos e chamando à luta em defesa da Constituição, faz a propaganda das candidaturas populares e desmascara os porta-vozes e agentes do imperialismo ianque e do governo de traição nacional de Vargas.

Assim, os comunistas e outros patriotas, quando se empenham na luta eleitoral, longe de descuidarem da difusão do jornal, têm necessidade de utilizá-lo ainda mais em seu trabalho, levando-o a um número cada vez maior de eleitores.

— Utilizar o jornal em comandos e comícios eleitorais.

— Programar a distribuição especial do jornal naqueles locais e empresas que sejam objeto de reportagem em cada edição.

— Fazer do jornal um importante instrumento da campanha de finanças para o custeio da campanha dos candidatos populares.

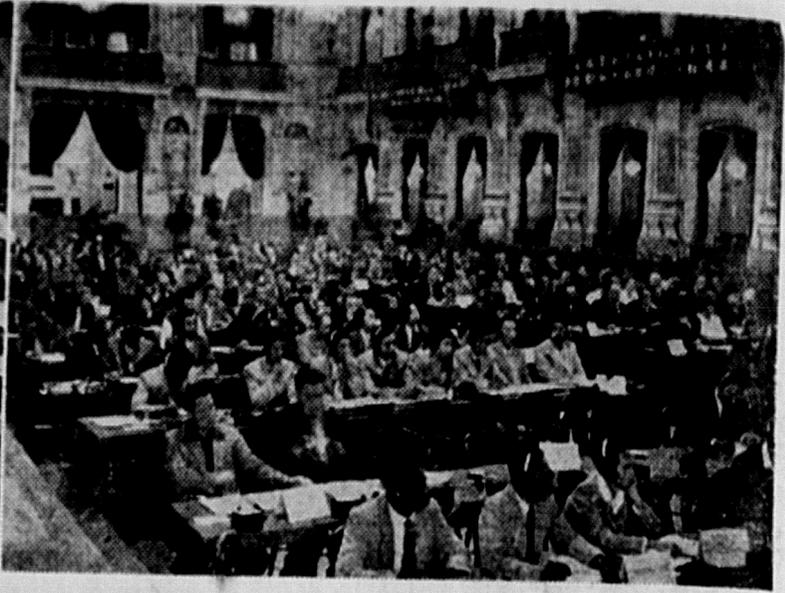
INSTRUMENTO DE LUTA PELA UNIDADE E A ORGANIZAÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA

- ★ Levar o jornal para as empresas e bairros operários, organizando a distribuição, consolidando e ampliando continuamente o círculo de leitores.
- ★ Programar vendas ampliadas e comandos especiais para os trabalhadores diretamente interessados nas reportagens de cada edição.
- ★ Organizar a difusão do jornal entre todos os participantes de cada greve, de cada manifestação de trabalhadores por suas reivindicações, contra a carestia e em defesa dos interesses nacionais.
- ★ Levar o jornal para os sindicatos, associações, clubes e todos os locais de reunião dos trabalhadores.
- ★ Estimular por todas as formas as cartas de trabalhadores para o jornal e organizar o maior número de correspondentes operários em cada empresa ou de correspondentes nos bairros.
- ★ Promover a leitura para trabalhadores de editoriais e matérias de maior interesse e organizar círculos de leitura do jornal.

Leitor:
O Jornal VOZ OPERÁRIA
Interessa a Milhões de Brasileiros
Que Esperam
Recebê-lo de Tuas Mãos

A DE

leira à Conferência Internacional dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, tendo-se da esquerda para a direita Waldemar Vichinski, secretário do Sindicato dos Metalúrgicos de Porto Alegre, Luiz Silva delegado do Sindicato dos Metalúrgicos de P. Alegre, Otávio Siqueira secretário do Sindicato dos Metalúrgicos de S. Paulo e José Bustos, representante dos metalúrgicos paulistas. Ao lado um aspecto do plenário no Teatro da Ópera de Viena



A GRANDE LUTA DOS METALÚRGICOS DE TODOS OS PAÍSES DO MUNDO

OS SETE PONTOS DA FSM PARA A UNIDADE DE AÇÃO

1. — Dar prova de espírito de iniciativa. Manter contato com as massas para que a ação sindical se funda com a ação das massas e não seja obra de minoria.
2. — Demonstrar, não só com discursos e escritos, mas com atos e fatos o desejo de eliminar o sectarismo e o oportunismo.
3. — Tornar realidade o funcionamento democrático dos sindicatos, defender essa democracia onde for violada, organizar o trabalho coletivo das direções sindicais.
4. — Considerar o sindicato como organização sem partido pertencente a todos os trabalhadores e não lhe atribuir o papel que cabe à vanguarda política do proletariado.
5. — Organizar e desenvolver a organização unitária dos sindicatos, eleger democraticamente as direções de modo que estejam representados os trabalhadores de todas as correntes e crenças, os sem partido e sem religião.
6. — Cuidar do recrutamento sindical, convidar os trabalhadores não sindicalizados para as ações de massas e assim preparar sua sindicalização.
7. — Desmascarar ante os operários todas as manobras contra a sua unidade, pelo esclarecimento, a informação, a explicação e o convencimento, e manter um nível elevado nos argumentos para não cair na armadilha divisionista da violência de linguagem que cria dificuldades à unidade de ação.

(Resumido da exposição de Louis Saillant, no informe ao III Congresso Sindical Mundial e na II Conferência Internacional dos Metalúrgicos.)

EM PRINCÍPIOS de julho de 1954 reuniram-se em Viena representantes dos trabalhadores metalúrgicos de todo o mundo. O grande encontro constituiu um acontecimento marcante de unidade e solidariedade internacionais da classe operária. A II Conferência Internacional de Trabalhadores e Trabalhadoras da Metalurgia e da Mecânica foi promovida pela União Internacional de Sindicatos de Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas e Mecânicas, um dos mais importantes departamentos profissionais da Federação Sindical Mundial.

213 delegados participaram da Conferência, representando mais de dez milhões de trabalhadores metalúrgicos de 34 países. A presença de 76 delegados de organizações não filiadas à FSM fez da Conferência uma nova e pujante demonstração de que é possível e corresponde aos desejos dos trabalhadores a unidade de ação em torno de objetivos comuns e por cima de quaisquer divergências doutrinárias.

O Senegalês e os Franceses

UM METALÚRGICO senegalês, delegado à Conferência palestrava animadamente com vários colegas de outros países, quando percebeu que entravam no recinto diversos metalúrgicos franceses. Não se conteve e exclamou:

— Mau, as coisas vão mal. Chegaram os colonialistas.

Diante do espanto geral, o operário senegalês começou a enumerar fatos e denúncias sobre a terrível exploração a que são submetidos os trabalhadores das colônias francesas. Recordava-se a admiração que uma coisa são os grandes capitalistas franceses associados aos imperialistas americanos e outra coisa são os metalúrgicos e demais operários franceses. Os capitalistas são exploradores contra os quais se deve lutar, tanto na França como nas colônias. Os operários tanto na França como nas colônias são irmãos que devem unir-se contra o inimigo comum.

“Não, retrucava o homem, os operários também exploram, seus salários são dez e mais vezes maiores que os nossos”. Foi impossível demovê-lo. Mas no curso dos trabalhos surgiu em toda sua grandeza o magnífico trabalho da CGT francesa, sua atuação na organização dos trabalhadores das colônias, sua solidariedade inalterável ao povo do Indo-China, sua luta sem tréguas contra a discriminação odiosa contra os trabalhadores das colônias. Os fatos retrorquíveis foram calando no espírito do senegalês.

Quando terminou a Conferência, ele confraternizava, feliz e eufórico, com seus irmãos franceses. De braço dado com eles sentia-se mais forte para lutar.

A Conferência foi uma tribuna aberta e livre para todos os presentes, tanto delegados como observadores, cuja preocupação única foi a troca de experiências e encontrar meios para melhorar a situação dos trabalhadores de todo o mundo.

NOS PAÍSES CAPITALISTAS

No primeiro ponto da ordem do dia, Henry Jourdain, informou sobre a atividade da União Internacional, a intensificação das lutas e o fortalecimento da unidade dos metalúrgicos em sua luta por melhores condições de trabalho e de vida, pela paz entre os povos.

O debate desse ponto trouxe uma denúncia documentada do agravamento da exploração dos metalúrgicos no mundo capitalista. Verificase a redução generalizada dos salários reais, com ritmos de trabalho jamais vistos e um aumento considerável da jornada de trabalho. Cresce o desemprego total e parcial e ploram as condições de vida devido aos ataques reacionários às conquistas sociais dos trabalhadores, são violados os direitos sindicais e democráticos mais elementares, inclusive o direito de greve e a liberdade de expressão nos locais de trabalho.

No segundo ponto da ordem do dia, G. Adducci (Itália) fez minuciosa análise das práticas de superexploração adotadas pelos capitalistas nas indústrias metalúrgicas. Resumidamente, as mais importantes denúncias são as seguintes:

Crescente intensidade das cadências de trabalho, aumentando o desgaste das energias do trabalhador; introdução dos métodos americanos de cronometragem e filmagem dos movimentos — os movimentos do trabalhador são filmados em câmara lenta, o tempo gasto em qualquer movimento é controlado, anotam o tempo

consumido em beber água, pequenas saídas, etc.; na base de tudo isso os patrões estabelecem tempos máximos para a feitura de cada peça, reduzem os tempos de produção, reduzem o salário por peça, o operário é transformado em máquina que não pode parar um minuto; ao mesmo tempo os patrões prolongam a jornada de trabalho, forçam os operários a contratos provisórios nos quais violam a legislação social e restabelecem o trabalho a domicílio, situação em que o trabalhador não goza de garantia alguma.

Essas e outras formas de superexploração estão ligadas à militarização da economia, à produção de guerra que afeta profundamente os metalúrgicos, cuja grande luta por melhores condições de trabalho e de vida se funde com a luta dos povos pela manutenção da paz.

NOS PAÍSES COLONIAIS E DEPENDENTES

O debate sobre o terceiro ponto da ordem-do-dia foi aberto pelo representante brasileiro, Eloy Martins, que analisou detalhadamente a luta dos metalúrgicos nos países coloniais e dependentes. O quadro descrito nos dois primeiros pontos é muito mais grave nesses países, pois estão sob o jugo dos monopólios, sobretudo americanos, que entravam o desenvolvimento da indústria, controlam as fontes de matérias-primas e orientam a economia desses países.

Os trustes contra os quais lutam os metalúrgicos dos países industrializados são os mesmos que asfixiam e exploram os países subdesenvolvidos. A General Electric, a General Motors, a Ford, a International Harvester e outras mantêm fábricas em numerosos países. Por exemplo, a General Mo-

tors estende seus tentáculos em vinte países, entre os quais a Argentina, Brasil, México, Peru, Venezuela, Índia, Nova Zelândia, África do Sul, Indonésia, etc.

Os monopólios lanques arrancam superlucros nos países coloniais e dependentes. Assim, em 1951, a General Motors, teve um lucro de 19 centavos por dólar investido nos Estados Unidos contra um lucro de 94 centavos por dólar no exterior. No mesmo ano, só no Brasil, a Ford teve lucro de 476 milhões de cruzeiros para um capital de 100 milhões.

Os monopólios imperialistas impedem o progresso industrial e desenvolvem a extração de minérios. 58% das reservas de ferro do mundo estão em países coloniais e semicoloniais, a produção de minério é de 12%, mas a produção de aço de todos juntos é apenas de 3%. Os trustes impedem a produção de meios de produção, máquinas-ferramenta e outras. Preferem as fábricas de montagem.

Nossos países são países agrícolas. Mas os metalúrgicos não produzem tratores. Era consequência enquanto há na Europa um trator de

15 cavalos por 200 hectares, há um por 885 hectares na América Latina, um por 2.563 hectares no Oriente Médio, um por 3.145 hectares na África e um por 16.500 hectares no sudeste asiático.

Nessas condições, os trabalhadores metalúrgicos são cada vez mais explorados, não encontram condições para seu desenvolvimento profissional e seus salários são cada vez mais insuficientes para adquirir os artigos de

primeira necessidade. Na luta pelas suas reivindicações verificam a necessidade de combater o domínio imperialista e participar da luta patriótica pela independência nacional, verificam a necessidade de lutar contra o latifúndio aliado ao imperialismo no saqueio das riquezas minerais e na manutenção do atraso semifeudal. Os trabalhadores metalúrgicos apoiam os camponeses na luta pela reforma agrária.

LUTA UNIDA E COMBATIVA DOS METALÚRGICOS

Mas a Conferência demonstrou também como cresce a unidade combativa dos metalúrgicos. Os metalúrgicos paulistas tiveram papel destacado na grande greve de 1953, em julho de 1953, 16.000 metalúrgicos indianos declararam-se em greve, na Argentina mais de 100 mil metalúrgicos sustentaram uma greve de 20 dias. A Conferência elaborou um programa de ação para os metalúrgicos a fim de que os patrões não continuem descarregando nas costas dos trabalhadores as consequências da crise agravada pela política de guerra.

A Conferência foi apoiada pelos maiores sindicatos metalúrgicos do Brasil, os de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, que enviaram cinco delegados. As resoluções que adotou se enquadram na luta em curso por aumento de salário, pelo congelamento dos preços, pelas liberdades e ajudam decisivamente a avançar no caminho da vitória, o caminho da unidade de ação.



JOSE Bustos, Luiz Silva, Eloy Martins e Otávio Siqueira confraternizam com a delegação chinesa. Eloy Martins, informante do terceiro ponto da ordem-do-dia, foi eleito pela Conferência vice-presidente da União Internacional de Sindicatos de Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas e Mecânicas.

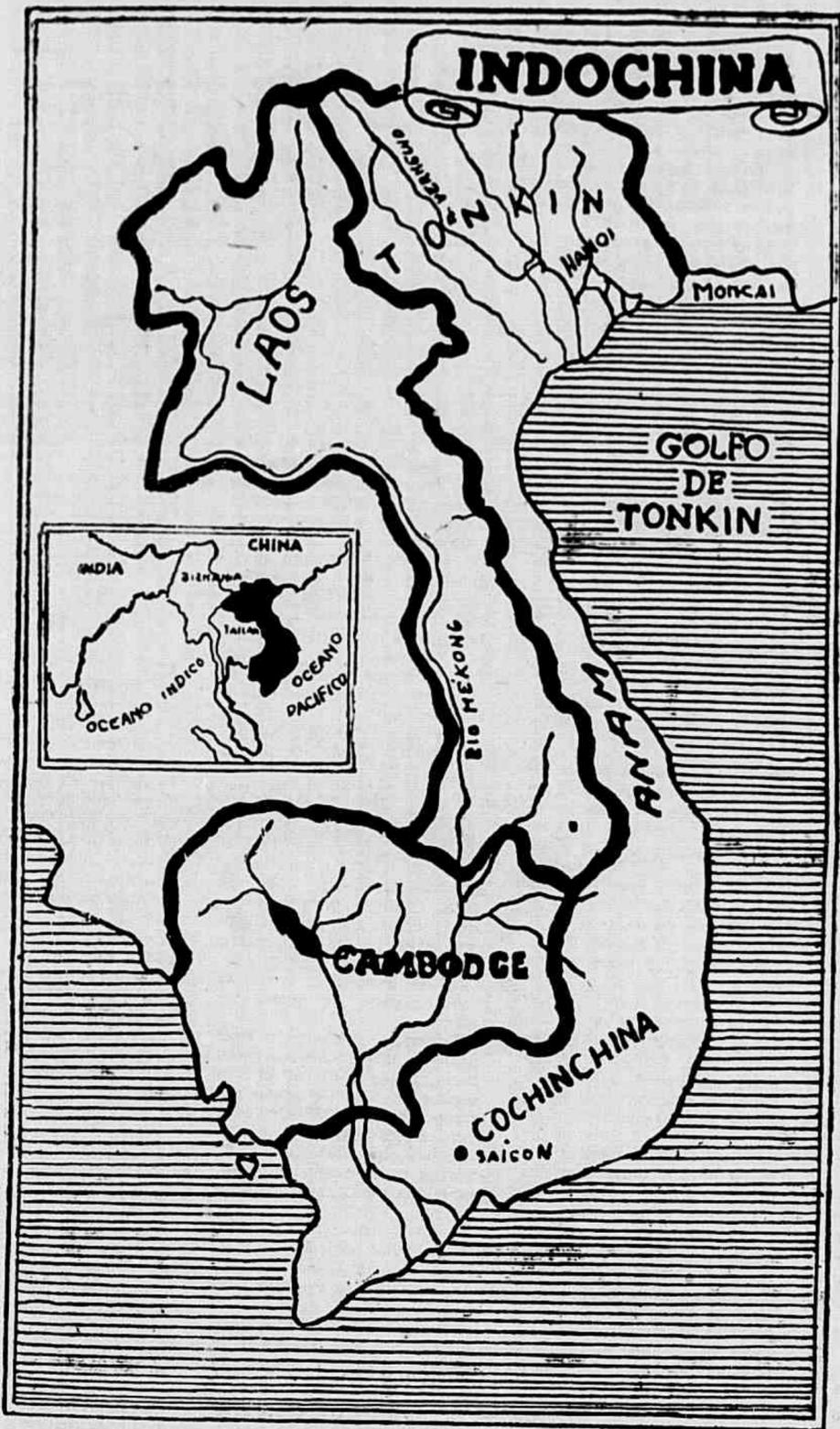
VOZ OPERÁRIA

SUPLEMENTO

RIO, 7 DE AGOSTO DE 1954

UM GRANDE PASSO NO CAMINHO DO FORTALECIMENTO DA PAZ

A Conferência de Ministros das Relações Exteriores em Genebra e a conclusão da paz no Viet-Nam, Laos e Cambodje através de importantes documentos e declarações



APRESENTAMOS, neste suplemento especial, uma série de documentos relativos à conclusão da Conferência de Genebra e ao estabelecimento do acôrdo de paz na Indo-China. O feliz ajuste conseguido na Conferência de Ministros das Relações Exteriores em Genebra, após longas e trabalhosas negociações, fizeram dessa reunião um marcante acontecimento internacional, de grande importância para o prosseguimento da luta pela causa da paz no mundo inteiro. Os povos saudaram com alegria e entusiasmo a cessação da guerra na Indo-China e o exemplo oferecido em Genebra de que é não somente necessário mas perfeitamente possível resolver toda e qualquer controvérsia internacional por meio de conversações pacíficas, desde que os governos se mostrem sensíveis à manifesta vontade de paz dos povos.

Apresentando aos leitores os principais documentos e declarações relativos à Conferência de Genebra, o fazemos confiantes em que sua leitura e estudo estimularão por certo a todo o nosso povo a prosseguir sem desfalecimentos na luta que vem travando pela interdição das bombas atômicas e de hidrogênio, pelo respeito à soberania dos Estados e a anulação dos pactos de agressão, pela solução pacífica dos problemas litigiosos, pela conclusão de um Pacto de Paz entre os Cinco Grandes, pela consolidação, enfim, da causa da Paz e da segurança entre as nações.

MENSAGEM DO GOVERNO SOVIÉTICO A HO CHI MIN

AO PRESIDENTE da República e Presidente do Governo da República Democrática do Viet-Nam, Camarada Ho Chi Min:

O Presidium do Soviet Supremo da U.R.S.S. e o Conselho de Ministros da U.R.S.S. enviam ao povo viet-namita, ao governo da República Democrática do Viet-Nam e a vós pessoalmente, camarada Ho Chi Min, suas amistosas felicitações por motivo da conclusão em Genebra do acôrdo sobre a cessação do fogo e o restabelecimento da paz na Indo-China.

Os acordos de Genebra representam uma importante vitória das forças da paz e, ao mesmo tempo, o reconhecimento da luta abnegada do povo viet-namita por sua liberdade e sua independência nacional.

O povo soviético e o governo saudam o heróico povo viet-namita e a seu governo e desejam-lhes fervorosamente a mais rápida restauração do país e êxitos em seu desenvolvimento econômico e cultural num ambiente de paz.

O PRESIDUM DO SOVIET SUPREMO DA U.R.S.S.

O CONSELHO DE MINISTROS DA U.R.S.S.



Duas Mensagens do Conselho Mundial da Paz

AO COMITÊ VIET-NAMITA DE DEFESA DA PAZ

É o seguinte o texto da mensagem enviada pelo Secretariado do Conselho Mundial da Paz ao Comitê Viet-Namita de Defesa da Paz:

«Nós vos saudamos e felicitamos calorosamente por motivo da assinatura do armistício que põe termo à guerra que se processava há oito anos nos territórios do Viet-Nam, do Pathet Lao e do Khmer. Acolhemos este acôrdo conquistado após longo período de lutas e esforços em pré da negociação como a vitória comum de todas as forças da paz.

O Comitê Viet-Namita de Defesa da Paz Mundial associou-se a todas as campanhas empreendidas por iniciativa do Movimento Mundial da Paz. Vossas atividades refletiram constantemente a vontade dos povos da Indo-China e dos demais povos asiáticos de lograr o ajuste pacífico do conflito, na base dos princípios de independência e segurança. Contribuístes assim em alto grau para criar o clima de compreensão e de aproximação que tor-

na possível a negociação e permitiu que esta chegasse a feliz conclusão.

Este êxito representa uma etapa importante no caminho da cessação da tensão internacional. Para o movimento da Paz e para todos os defensores da paz constitui um estímulo para prosseguir os esforços com o objetivo de que a paz se consolide na Ásia no respeito aos compromissos assumidos e seja salvaguardada nas demais regiões do mundo, de conformidade com a vontade dos povos.

AO CONSELHO NACIONAL FRANCÊS

É o seguinte o texto da mensagem enviada pelo Secretariado do Conselho Mundial da Paz ao Conselho Nacional do Movimento Francês da Paz:

«Nós vos saudamos e vos enviamos nossas calorosas felicitações por motivo da assinatura do armistício concluído em Genebra que põe fim à dolorosa e sangrenta guerra travada na Indo-China durante oito anos. Acolhemos o acôrdo conquistado como um êxito de todas as forças da paz. Este êxito confirma que, apesar de todas as di-

fículdades e obstáculos, é possível a solução pacífica sob a condição de que esta seja empreendida com a vontade de chegar a feliz conclusão.

A ação do Movimento Francês da Paz ajudou poderosamente a criar e desenvolver o amplo movimento de opinião que, na França, se exprimiu com força irresistível em favor da negociação e depois em favor do acôrdo. Esta ação e a ação conjunta de todas as demais forças da paz contribuíram em alto grau para o ajuste pacífico de um conflito cuja continuação e extensão teria representado uma gravíssima ameaça para a paz do mundo.

Este êxito representa uma etapa importante no caminho para a cessação da tensão internacional e a aproximação entre os povos. Ao mesmo tempo, estimula a prosseguir no esforço para que se consolide e respeite a paz na Ásia e se a garanta na Europa, mediante a solução pacífica do problema alemão baseado na soberania, na independência e na segurança das nações.

O Secretariado do Conselho Mundial da Paz

Viena, 21 de julho de 1954.

Declaração de V. M. Molotov

na sessão de encerramento da Conferência de Genebra dos ministros das Relações Exteriores, a 21 de julho de 1954

SENHOR PRESIDENTE,
senhores ministros:

A Conferência de Genebra dos ministros das Relações Exteriores, convocada de conformidade com a decisão da Conferência de Berlim para examinar os problemas coreano e indo-chinês, terminou seus trabalhos, que duraram quase três meses.

Graças aos esforços de seus participantes, a Conferência de Genebra atingiu seu objetivo principal: a tarefa de restabelecer a paz na Indo-China foi levada a bom termo. Os acordos adotados na Conferência, que se baseiam no reconhecimento dos direitos nacionais dos povos da Indo-China e têm em conta os interesses da França, não podem ser considerados senão como um grande passo no caminho da diminuição da tensão internacional.

Foram firmados os acordos sobre a cessação das hostilidades no Viet-Nam, no Laos e no Camboje. Estes acordos põem fim ao derramamento de sangue, que durava oito anos, e constituem um importante êxito da luta de libertação nacional dos povos da Indo-China. Agora se abrem ante eles novas possibilidades de ascensão econômica e cultural nas condições de paz. Estes acordos criam a base para o desenvolvimento das relações amistosas entre a República Francesa e os Estados da Indo-China. Os participantes da atual Conferência têm pleno fundamento para expressar sua satisfação pelos acordos alcançados.

Não se pode deixar de assinalar que o acordo sobre o restabelecimento da paz no Viet-Nam tem singular importância. Com este acordo se reconhece no plano internacional a luta de libertação nacional, seus grandes sacrifícios e seu heroísmo. Ao mesmo tempo, este acordo, que estabelece uma linha provisória de demarcação entre as partes setentrional e meridional do Viet-Nam, coloca uma nova e importantíssima tarefa: realizar do modo mais rápido a unificação nacional nas condições de paz e em concordância com os interesses nacionais de todo o povo vietnamita.

Os acordos assinados hoje têm grande significação para os povos da Ásia, onde outro foco de guerra foi apagado. E são ao mesmo tempo, um novo e grande passo no caminho do fortalecimento da paz e do desenvolvimento da colaboração internacional.

A Conferência de Genebra prolongou-se por quase três meses. Hoje sabemos o que foi conseguido e o que não se pôde conseguir. Com este motivo deve recordar-se que a questão coreana espera ainda sua solução no interês-



se da unificação nacional da Coreia.

O próprio exame do problema indo-chinês nesta Conferência passou por duas etapas. Todos recordam as dificuldades com que tropeçou na primeira etapa. Entretanto, estas dificuldades foram superadas. Não se pode subestimar a contribuição trazida no curso da Conferência pela delegação da República Democrática do Viet-Nam e pela delegação da França para vencer estas dificuldades. O fato de que as negociações tenham permitido chegar a um melhor entendimento e de que aqui se tenha manifestado boa vontade pelas duas partes interessadas, teve a maior importância.

Durante os trabalhos da Conferência seus participantes encontraram a possibilidade de aproximar suas posições, de fazer-se eco dos desejos recíprocos e de contribuir assim para que as negociações fossem frutíferas. E todos sabemos que, apesar disto, a delegação dos Estados Unidos não cooperou plenamente em todo este complexo trabalho com os demais participantes na Conferência e ocupou uma posição particular.

Por outro lado, a Conferência de Genebra mostrou a grande importância positiva que tem a participação da República Popular Chinesa na solução dos problemas internacionais palpitantes. A marcha da presente Conferência evidenciou que a própria realidade da vida varre os obstáculos artificiais que opõem os círculos agressivos de alguns Estados à participação da China na solução dos problemas internacionais.

A Conferência de Genebra demonstrou que o caminho

das negociações entre os Estados interessados pode dar em determinadas condições resultados que correspondam aos interesses dos povos, aos interesses do fortalecimento da paz geral. Os resultados da Conferência de Genebra confirmaram a justiça do princípio defendido em toda a política exterior da União Soviética, segundo o qual não existe nas atuais relações internacionais nenhuma questão litigiosa que não possa ser resolvida mediante negociações e acordos orientados a consolidar a paz. E isto será reconhecido em toda a parte.

A notícia dos acordos conseguidos na Conferência de Genebra se espalhará hoje em todo o mundo. O êxito conseguido pela Conferência de Genebra corresponde aos interesses de todos os povos amantes da paz, aos interesses da paz e da liberdade dos povos.

Permitam-me expressar a certeza de que estes acordos e os importantes resultados dos trabalhos da Conferência de Genebra reforçarão a vontade dos povos de seguir diminuído a tensão nas relações internacionais, de seguir fortalecendo a paz.

Concluindo, V. M. Molotov manifestou sua gratidão ao Governo da Suíça, às personalidades dirigentes e às autoridades de Genebra e um especial reconhecimento ao povo suíço pela cordial hospitalidade dispensada à Conferência de Genebra.

V. M. Molotov, igualmente, expressou seu reconhecimento a A. Eden, que presidiu a sessão, e assinalou o destacado papel que este desempenhou em todo o transcurso da Conferência de Genebra.

VIVA A PAZ, A UNIDADE, A INDEPENDÊNCIA E A DEMOCRACIA NO VIET NAM!

HO CHI MINH Presidente da República Democrática do Viet-Nam

TERMINOU a Conferência de Genebra. Obtivemos uma grande vitória diplomática. Em nome do Governo dirijo de todo o coração a todos os compatriotas, aos combatentes e aos quadros de direção o seguinte apelo:

1 — Nosso povo, o exército, os quadros de direção e o Governo, estreitamente unidos, suportando privações e vencendo numerosas dificuldades, lutaram resolutamente no curso dos últimos oito ou nove anos pela paz, a unidade e a democracia de nossa pátria e obtiveram brilhantes vitórias. Por esse motivo, em nome do Governo, envio cordiais felicitações a todos os compatriotas, aos combatentes e aos quadros de direção de todo o país, de Norte a Sul. Inclino-me ante a memória dos combatentes e de todos os patriotas que imolaram heroicamente sua vida pela pátria e expresso minha sincera simpatia aos combatentes feridos ou enfermos.

Nossas grandes vitórias devem-se também a que nossa luta pela justa causa contou com o apoio dos povos dos países amigos, do povo da França e dos povos amantes da paz do mundo inteiro.

Graças a estas vitórias e aos esforços da delegação da U.R.S.S. na Conferência de Berlim, nosso Governo e o Governo da França iniciaram negociações na Conferência de Genebra. A atuação de nossa delegação e a ajuda das delegações da U.R.S.S. e da República Popular Chinesa permitiram-nos obter uma grande vitória na Conferência de Genebra. O Governo francês reconheceu a independência, a soberania, a unidade e a integridade territorial de nosso país, demonstrou estar de acordo em retirar suas forças armadas de nossa terra, etc.

Deveremos continuar nossos esforços na luta por fortalecer a paz, realizar a unidade e conseguir a independência e a democracia em todo o país.

2 — O primeiro passo para estabelecer a paz deve ser a cessação das hostilidades pelas forças armadas de ambas as partes.

Para fazer cessar o fogo é imprescindível reagrupar as forças armadas de ambas as partes em duas zonas diferentes, isto é, mudar as regiões ocupadas pelas forças de cada parte.

A fixação de uma linha militar de demarcação é uma medida provisória e transitória para realizar o armistício, restabelecer a paz e alcançar progressos na unificação nacional por meio de eleições gerais. A linha de demarcação não constitui de modo algum uma fronteira política ou territorial.

Durante o período de armistício, nossas forças armadas deverão estar concentradas no Norte do Viet-Nam e as forças armadas da União Francesa no Sul do Viet-Nam. Isto significa que se procederá a um intercâmbio de zonas: várias regiões ocupadas pelos franceses passarão a ser regiões libertadas, e em várias de nossas regiões libertadas se instalarão temporariamente, até seu retorno à França, as tropas francesas.

Esta medida é necessária. Entretanto, o Norte, o Centro e o Sul do Viet-Nam são partes inseparáveis de nosso território e não cabe nenhuma dúvida que nosso país será unificado e de que nossos compatriotas em todo o país serão libertados.

Nossos compatriotas do Sul foram os primeiros a começar a guerra patriótica e deram mostras de alto grau de consciência. Estou seguro de que colocarão os interesses de todo o país por cima dos interesses locais, os interesses permanentes por cima dos interesses atuais e de que, ombro a ombro com o resto de nosso povo, entregarão todas as suas forças à luta por fortalecer a paz, realizar a unidade e conseguir a independência e a democracia em todo o país. O Partido Viet-Namita dos Trabalhadores (Lao-dong), o Governo e eu pessoalmente

seguimos sempre os esforços de nossos compatriotas do Sul e estamos seguros de que obterão êxito.

3 — A luta pelo fortalecimento da paz, pela realização da unidade e pela conquista da independência e da democracia é também uma luta longa e difícil. Para obter a vitória, todo o povo, todos os combatentes e quadros de direção de todo o país, de Norte a Sul, devem unir-se mais ainda e permanecer unidos no pensamento e na ação.

Estamos plenamente decididos a cumprir honradamente as condições do acordo que firmamos com o Governo francês e, ao mesmo tempo, exortamos ao Governo francês a que respeite honestamente as condições do acordo que assinou conosco.

Devemos fazer esforços para a consolidação da paz e estar vigilantes ante os maneios dos inimigos da paz. Devemos fazer esforços na luta pela realização de eleições gerais livres em todo o país com vistas a efetivar a unidade nacional. Devemos fazer esforços para restabelecer, criar, fortalecer e desenvolver nossas forças em todas as esferas com o objetivo de assegurar a plena independência de nossa pátria.

Devemos trabalhar com afinco por efetuar reformas sociais para melhorar as condições de vida de nosso povo e tornar realidade uma verdadeira democracia.

Continuaremos estreitando nossos laços fraternais com os povos do Laos e do Camboje.

Consolidaremos mais ainda a grande amizade do Viet-Nam com a União Soviética, a República Popular Chinesa e outros países amigos. Reforçaremos nossa solidariedade com o povo francês, os povos da Ásia e do mundo inteiro em benefício da manutenção da paz.

4 — Conclamo calorosamente a todo o povo, a todos os combatentes e quadros de direção a aplicar de modo justo a linha política e a política do Partido e do Governo, a lutar pelo fortalecimento da paz, pela realização da unidade e pela conquista da independência e da democracia em todo o país.

Dirijo-me de todo o coração a todas as pessoas que amam sinceramente a sua pátria, sem distinção de condição social, de crenças religiosas e de opiniões políticas, independentemente do partido que tenha apoiado no passado exortando-as a colaborar sinceramente entre si e a trabalhar pelo bem da nação e da pátria, a lutar pela paz, a unidade, a independência e a democracia de nosso querido Viet-Nam.

Com a unidade de toda a nação, com a coesão monolítica de todo o povo, alcançaremos, sem dúvida alguma, a vitória.

Viva a paz, a unidade, a independência e a democracia no Viet-Nam.



EM AGOSTO DE 1954 vitória alcançada sobre o imperialismo francês. Traição da Legião Estrangeira, para resistir à agressão de luta contra os agressores de Genebra.

DECLARAÇÃO feita a 21 de julho de 1954

SENHOR presidente, senhores delegados:

Após 75 dias de trabalhos a Conferência de Genebra dos nove delegados, uma vez superados os últimos obstáculos, chegou a acordos sobre a questão do restabelecimento da paz na Indo-China. Estou profundamente convencido de que os acordos alcançados por nós não apenas põem fim a guerra de oito anos na Indo-China e trazem a paz aos povos da Indo-China e da França, mas que contribuirão igualmente para a diminuição da tensão internacional na Ásia e no mundo inteiro. Os êxitos de nossa Conferência são indubitavelmente, imensos.

A fim de estabelecer uma paz durável na Indo-China, a atual Conferência fez muitos esforços para tornar possível a cessação das hostilidades e a regulamentação dos problemas políticos da Indo-China. Em virtude conseguimos agora estipular medidas concretas para acabar com a guerra e, ao mesmo tempo, determinamos princípios para chegar à solução dos problemas políticos da Indo-China. Em virtude destes princípios a República Francesa respeitará a independência, a soberania, a unidade e a integridade territorial dos três Estados Indo-China; os três Estados Indo-China realizarão prazos previstos eleições gerais livres para tornar realidade a democracia e a unidade destes países. Tomando em consideração que desde a cessação das hostilidades os três Estados Indo-China não participaram de nenhuma aliança militar e não será permitida a criação de seu território de militares de nenhum Estado estrangeiro. Estes acordos permitirão aos povos dos três Estados da Indo-China ocupar-se da organização de um ambiente de paz. Os três Estados Indo-China manterão relações amistosas tanto entre si como entre cada um deles com a França, à base do respeito mútuo, da integridade territorial e da soberania. Os acordos obtidos farão que se estabeleçam rela-

A Vontade Dos Povos De Manter e Consolidar a Paz é Invencível

TRANSCREVEMOS abaixo a íntegra do editorial, dedicado aos resultados da Conferência de Genebra, da edição de 23 de julho do semanário «Por Uma Paz Duradoura, Por Uma Democracia Popular», órgão do Bureau de Informação dos Partidos Comunistas e Operários:

TODOS os homens amantes da paz acolheram com profunda satisfação e júbilo a notícia de que a Conferência de Genebra dos ministros das relações Exteriores, que durou quase três meses, conseguiu seu objetivo fundamental: a tarefa do restabelecimento da paz na Indo-China foi realizada com êxito. Na Conferência foram elaboradas e aprovadas decisões negociadas sobre a cessação das hostilidades e o restabelecimento da paz no Viet-Nam, no Laos e no Camboja e foram determinados os princípios essenciais para a regulamentação dos problemas políticos nesses países.

O restabelecimento da paz na Indo-China é uma nova e importante vitória das forças da paz, um grande passo no caminho da redução contínua da tensão internacional e da normalização das relações internacionais. Os acordos conseguidos na Conferência de Genebra, que estão baseados no reconhecimento dos direitos nacionais dos povos da Indo-China e têm em conta os interesses da França, correspondem aos interesses de todos os povos pacíficos, aos interesses da paz e da liberdade dos povos. Reforçam a vontade dos povos de continuar diminuindo a tensão nas relações internacionais, de continuar consolidando a paz.

Os acordos sobre a cessação das hostilidades no Viet-Nam, no Laos e no Camboja constituem um importante êxito na luta de libertação nacional dos povos da Indo-China por sua honra, pela independência e a liberdade, contra os propósitos dos colonizadores franceses de restaurar pela força das armas nestes países o regime colonialista. «Não se pode deixar de assinalar — declarou V. M. Molotov, chefe da delegação soviética, na sessão de encerramento da Conferência de Genebra — que o acordo sobre o restabelecimento da paz no Viet-Nam tem singular importância. Com este acordo se reconhece no plano internacional a luta de libertação nacional, seus grandes sacrifícios e seu heroísmo.»

De conformidade com o acordo conseguido em Genebra, a França declarou que está disposta a retirar suas tropas dos territórios de Camboja, do Laos e do Viet-Nam. Declarou igualmente que a regulamentação de todos os problemas relacionados com o restabelecimento e a consolidação da paz nestes países se baseará no respeito de sua independência e sua soberania, de sua unidade e integridade territorial. Os acordos conseguidos em Genebra abrem aos povos da Indo-China novas possibilidades de ascensão econômica e cultural em condições de paz e criam a base para o desenvolvimento de relações amistosas tanto entre a França e os Estados da Indo-China como entre estes Estados e os países vizinhos.

Na Conferência de Genebra, como resultado dos esforços de seus participantes, foram conseguidos acordos sobre todas as questões fundamentais do problema indo-chinês, o que corresponde aos interesses não somente dos povos da Ásia, como também de todos os povos do mundo. Resultados tão importantes como os da Conferência de Genebra confirmam uma vez mais a indiscutível verdade de que, na presente situação internacional, não existem questões litigiosas ou pendentes de solução que não possam ser resolvidas por via pacífica, mediante negociações e acordos visando ao fortalecimento da paz, e que as negociações entre os Estados interessados podem dar em determinadas condições resultados tais que correspondam aos interesses do fortalecimento da paz universal e do desenvolvimento da colaboração internacional.

Precisamente este importante princípio da política exterior de paz da União Soviética, da República Popular da China e de todos os países do campo democrático encontra a calorosa aprovação da opinião democrática em todos os países. Todas as pessoas honradas que lutam pela paz, contra os agressivos propósitos dos círculos reacionários dos EE.UU. e dos Estados que os seguem, consideram os resultados da Conferência de Genebra como uma vitória da política de paz da U.R.S.S., da China Popular e dos países de democracia popular.

Teve enorme importância positiva para o êxito da Conferência de Genebra a circunstância de que em seus trabalhos participou, ao lado das demais grandes potências, a República Popular da China e que pela primeira vez nos últimos anos tenham intervenido na solução de importantíssimos problemas internacionais os autênticos representantes dos 600 milhões de chineses. Tomaram parte também pela primeira vez numa ampla reunião internacional os representantes da República Democrática do Viet-Nam, que se pronunciaram resolutamente por uma solução pacífica na Ásia sobre a base dos princípios da independência dos países asiáticos, sobre a base da liberdade e da democracia.

É perfeitamente evidente que a participação de representantes da República Popular da China e da Repú-

blica Democrática do Viet-Nam na Conferência de Genebra facilitou e acelerou a solução positiva do problema da restauração da paz na Indo-China. Isto confirma uma vez mais que sem os verdadeiros representantes dos povos da Ásia, sem a República Popular da China não é possível resolver hoje as importantíssimas questões relacionadas com o estabelecimento da paz entre os povos. Por isso se coloca com tanta agudeza um problema que ainda não foi resolvido por causa da resistência do Governo dos Estados Unidos: o restabelecimento dos legítimos direitos da República Popular da China na Organização das Nações Unidas.

Não cabe dúvida que para a feliz solução da tarefa do restabelecimento da paz na Indo-China contribuiu o poderoso movimento dos povos pela paz, pela diminuição da tensão nas relações internacionais, pela terminação da guerra na Indo-China. Vastos círculos sociais de todos os países, sobretudo da França, exigiam com energia e tenacidade que se passasse fim à «guerra suja» dos colonialistas. Genebra foi visitada por centenas de delegações compostas de representantes das diversas camadas da população da França que reclamavam unanimemente a cessação do derramamento de sangue na Indo-China. A vontade de paz dos povos da Indo-China e da França exerceu enorme influência sobre a marcha das negociações.

Os comitentes da paz e os círculos sociais que se pronunciam pelo debilitamento da tensão internacional, assinalam com satisfação que os inimigos da paz sofreram uma derrota em Genebra e que a invencível vontade de paz dos povos triunfou sobre os agressivos desígnios dos incendiários de guerra.

Durante os trabalhos da Conferência de Genebra, seus participantes, vencendo sérias dificuldades, encontraram a possibilidade de fazer-se eco dos desejos recíprocos, de aproximar suas posições e de contribuir assim para que as negociações fossem frutíferas.

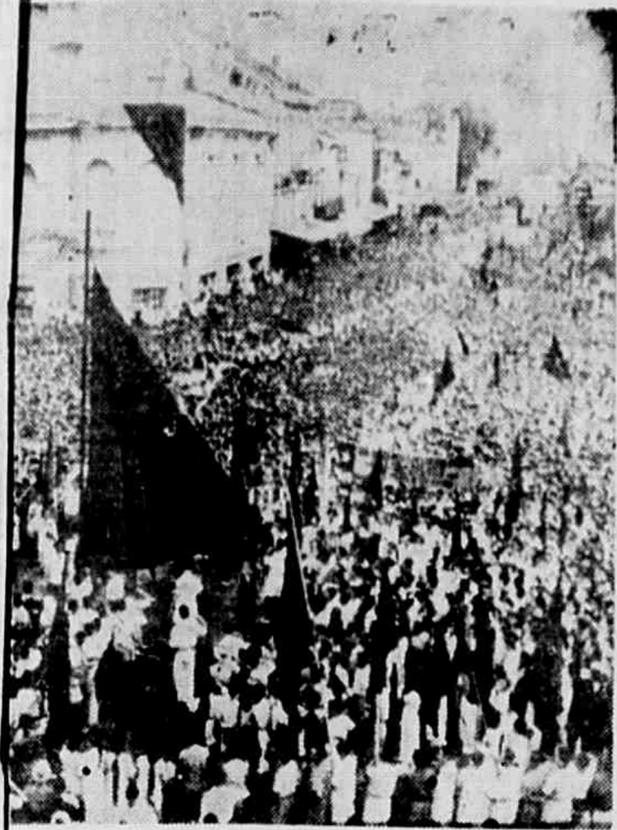
Entretanto, a delegação dos EE.UU. manteve uma posição particular. Como se sabe, durante todo o período que duraram as negociações em Genebra, determinados círculos dos EE.UU., contrários à diminuição da tensão internacional, intentaram por todos os meios influir no curso da Conferência e impedir o estabelecimento de paz na Indo-China. Precisamente estes círculos, que seguem a decantada política das «posições de força», empreenderam nas vésperas da Conferência de Genebra toda uma série de tentativas para amalgamar uma «frente única» das potências colonialistas contra os povos autênticos e para realizar sob a bandeira das «ações unificadas» seu plano de ampliação da guerra da Indo-China. Foram precisamente os representantes de Washington que organizaram em pleno apogeu da negociação todo gênero de reuniões em separado para impedir o êxito da Conferência de Genebra e criar um bloco agressivo no Sudeste da Ásia.

Os intentos dos círculos governantes dos EE.UU. de ditar suas condições, de impor sua vontade a outros países e de conseguir a execução de seus agressivos desígnios sofreram um evidente fracasso. Entretanto, seria errôneo supor que os inimigos da paz desistiram de seus planos orientados contra os interesses vitais dos povos. É sabido que os Estados Unidos da América e os Estados que os seguem impediram a solução da questão coreana na Conferência de Genebra. O problema coreano, assim como outros problemas internacionais importantíssimos na Ásia e na Europa, espera ainda solução. É sabido também que, segundo informa a imprensa yanque, a liquidação do foco de guerra que durante oito largos anos vinha exacerbando as forças imperialistas no Sudeste da Ásia, produziu nos círculos governantes dos EE.UU., fraqueza, descontentamento, irritação e grosseiros ataques. O ministro da Defesa dos EE.UU., Wilson, por exemplo, disse que «em relação com isto não sente grande entusiasmo», e o senador democrata Humphrey qualificou de «trágica» «o que ocorreu em Genebra».

Os inimigos da paz tremem ante a possibilidade da coexistência pacífica dos Estados de diferentes regimes sociais e políticos e odeiam a idéia da emulação pacífica entre os diversos sistemas econômicos. Acaso não é larvo que os círculos governantes dos EE.UU. atraem sobre si mesmos o ódio cada vez maior dos povos ao insistir em seus propósitos de levar a termo os planos loucos de domínio mundial, ao aplicar a política das «posições de força», destinada a avivar a inimizade entre os povos, a implantar a divisão e a organização de blocos militares opostos entre si, e ao realizar a «guerra fria» nas relações com os países democráticos?

Todas as forças pacíficas, todas as pessoas de boa vontade devem decuplicar sua vigilância, fortalecer sua unidade na luta contra as maquinacões dos imperialistas yanques, contra sua política de chantagem e de ameaças, e lutar com maior atividade pela mais rápida solução dos problemas internacionais que ainda estão em suspensão.

A vontade dos povos de manter e consolidar a paz é invencível. Mais uma vez a paz venceu a guerra. A paz será mantida e consolidada se os povos tomarem em suas mãos a causa da manutenção da paz e a defenderem até o fim.



O povo do Viet Nam manifestava nas ruas seu regosio pela ocupação japonesa e pela conquista da independência nãda depois pelos imperialistas franceses e seus mercenários. A República Democrática do Viet-Nam organizou o povo as vitórias alcançadas por seu Exército Popular, em oito anos de luta, facilitou extraordinariamente o sucesso agora obtido em

PAZ NA ASIA

Julho de 1954 na Conferência de Genebra

de amizade entre estes três Estados e os países vizinhos. A delegação da República Popular da China aprova e apoia plenamente os mencionados acordos e declara que, juntamente com todos os países interessados, está disposta a assegurar a plena realização dos mesmos.

O restabelecimento da paz e a obtenção da independência e da unidade dos três Estados da Indo-China não é somente um desejo sincero dos povos da Indo-China e da França, mas, ao mesmo tempo, um anseio comum dos povos pacíficos da Ásia e do mundo inteiro. Estamos profundamente seguros de que os acordos alcançados na Conferência de Genebra serão apoiados por todos os países, particularmente pelos participantes da Conferência de Colombo, vitalmente interessados na cessação das hostilidades na Indo-China.

A cessação das hostilidades na Indo-China mostra uma vez mais que as forças da paz são invencíveis. É cada dia maior o número de países que se pronunciam a favor da coexistência pacífica. Não contará com o apoio dos povos qualquer política de situações de força e destinada a promover a divisão e a formação de blocos militares antagonistas. Os povos da Ásia exigem a paz e a colaboração em lugar da divisão e da oposição de uns aos outros.

Com o objetivo de manter a paz geral na Ásia julgamos que os países asiáticos, de acordo com os princípios do respeito mútuo à integridade territorial e à soberania, da reciprocidade na não agressão, da não ingerência nos assuntos internos de cada país, da igualdade e de proveito mútuo e da coexistência pacífica, deverão consultar-se e colaborar entre si. Ao mesmo tempo expressamos também o desejo de fazer esforços conjuntos para manter a paz e a segurança na Ásia e no mundo inteiro com todos os países que, encontrando-se fora dos limites da Ásia, visam o mesmo objetivo. As declarações conjuntas, recentemente publicadas, dos primeiros ministros da China e da Índia

e da China e Birmânia, a entrevista do Presidente da República Democrática do Viet-Nam, Ho Chi Min, em apoio destas declarações, assim como o apoio às mesmas pela opinião da Ásia e do mundo inteiro mostram plenamente que a consolidação da paz na Ásia tem uma brilhante perspectiva.

Na Conferência de Genebra discutiu-se duas questões importantes: a solução pacífica da questão coreana e o restabelecimento da paz na Indo-China. Se bem que não se tenha conseguido nenhum acordo com respeito a solução pacífica do problema coreano, esta questão não foi retirada, de modo nenhum, da ordem-do-dia. Agora, no que se refere à questão do restabelecimento da paz na Indo-China, na presente Conferência obtiveram-se acordos não apenas para a cessação das operações, mas também no concernente aos princípios da solução dos problemas políticos. Isto infunde novas esperanças na solução pacífica da questão coreana.

Quisera assinalar, ademais, que se os Estados interessados estão imbuídos de boa-vontade com relação à paz, as questões internacionais litigiosas podem ser resolvidas mediante negociações. Nesta Conferência, tanto Pham Van Dong, chefe da delegação da República Democrática do Viet-Nam, como o senhor Mendes-France, chefe da delegação francesa, manifestaram o bom desejo de resolver as questões por via pacífica. Merecem nossa aprovação os esforços feitos pelos presidentes da Conferência de Genebra: V. M. Molotov, chefe da delegação da U.R.S.S., e o senhor Eden, chefe da delegação inglesa, para contribuir para obtenção do acordo na Conferência entre ambas as partes.

Senhor presidente: Breve pôr-se-á fim às hostilidades na Indo-China e se restabelecerá a paz, há tanto tempo esperada. Do mesmo modo que na Coreia, a paz venceu de novo a guerra. Continuemos com maior confiança ainda os esforços para manter e consolidar a paz no mundo inteiro!

Declaração do Governo Soviético Sobre a Conferência de Genebra

Em 21 de julho terminou seus trabalhos a Conferência de Genebra dos Ministros das Relações Exteriores, convocada de acordo com a decisão da Conferência de Berlim para examinar os problemas coreano e indo-chinês.

Como resultado dos trabalhos realizados, que duraram quase três meses, foram firmados os acordos que põem fim às hostilidades no Viet-Nam, no Laos e no Camboja. Estes acordos tendem a resolver importantes tarefas relacionadas com o restabelecimento e a consolidação da paz no Viet-Nam, no Laos e no Camboja sobre a base, como se diz na Declaração Final aprovada pelos participantes da Conferência de Genebra, do respeito à independência e à soberania, à unidade e à integridade territorial dos três Estados indo-chineses.

A suspensão do fogo na Indo-China abre ante os povos do Viet-Nam, do Laos e do Camboja possibilidades para um ascenso econômico e cultural em condições de paz, que criam ao mesmo tempo a base para o desenvolvimento da colaboração amistosa entre eles e a França.

Terão a maior importância as decisões da Conferência de Genebra proibindo a criação de bases militares de Estados estrangeiros no território do Viet-Nam, do Laos e do Camboja, assim como os compromissos destes Estados de não participar em alianças militares e de não ser utilizados para recomeçar as operações militares ou realizar uma política agressiva.

A decisão da Conferência de Genebra sobre a realização de eleições livres no Viet-Nam em julho de 1956 cria as condições para a unificação nacional do Viet-Nam, em concordância com os interesses e aspirações nacionais de todo o povo vietnamita. Esta decisão, fruto dos tenazes esforços dos Estados democráticos, significa a derrota das forças agressivas, que aspiravam a dividir o Viet-Nam: para fazer da parte meridional do país uma praça de armas do novo bloco agressivo que se projeta no Sudeste da Ásia.

Reveste também de grande significação o acordo sobre a realização no Camboja e no Laos de eleições gerais no curso de 1955, como se diz na Declaração Final, mediante votação secreta e respeitando as liberdades fundamentais.

Não se pode deixar de sinalizar que a adoção de decisões tão importantes foi facilitada pela atitude positiva do Governo francês, atitude ditada pelo desejo de atuar segundo os interesses nacionais da França e tendo em conta os interesses dos povos da Indo-China.

Em que pese o fato de que nos acordos firmados em Genebra se fazem certas reservas não se pode subestimar toda a importância desses acordos devido às circunstâncias mencionadas e a que na Conferência de Genebra se conseguiram vencer diversas dificuldades surgidas por causa da posição dos representantes dos EE.UU., que trataram de impedir a feliz terminação dos trabalhos da Conferência. Os EE.UU. não quiseram participar com a França, a Inglaterra, a U.R.S.S., a República Popular Chinesa e outros Estados no trabalho conjunto que assegurou o restabelecimento da paz na Indo-China. Os acordos de Genebra representam uma importante vitória das forças da paz e uma séria derrota das forças da guerra. Ao mesmo tempo, os acordos de Genebra significam o reconhecimento em escala internacional da luta de libertação nacional e do grande heroísmo manifestado nesta luta pelos povos da Indo-China.

O fato de que a Conferência de Genebra tenha culminado com a assinatura de acordos entre os países interessa-

dos foi uma nova prova da eficácia das negociações internacionais quando as partes manifestam boa-vontade, uma prova de que é possível resolver deste modo importantes problemas internacionais pendentes hoje de solução.

O Governo Soviético salda os êxitos alcançados em Genebra na solução de uma importantíssima tarefa: o restabelecimento da paz na Indo-China. A solução desta tarefa corresponde aos interesses dos povos que defendem sua liberdade e sua independência nacional, assim como aos interesses de todos os povos amantes da paz.

Paralelamente com a importantíssima tarefa da regulamentação pacífica definitiva na Indo-China, se coloca também a urgente tarefa do ajuste pacífico definitivo na Coreia.

O Governo Soviético, assim como os Governos da República Popular Chinesa e a República Democrática Popular Coreana que já antes haviam manifestado a nobre iniciativa de pôr termo às hostilidades na Coreia, fizeram por sua parte na Conferência de Genebra todos os esforços para resolver com êxito o problema coreano. Entretanto, como se sabe, a Conferência de Genebra não conseguiu resultados positivos neste problema por causa dos obstáculos opostos por algumas delegações e, principalmente, pela delegação dos EE.UU. O Governo Soviético considera que é imperiosamente necessário assegurar o mais rápido ajuste do problema coreano no interesse da unificação nacional da Coreia e da garantia da paz na Ásia e no mundo inteiro.

Os resultados da Conferência de Genebra confirmam a convicção do Governo Soviético de que não existe atualmente nas relações internacionais nenhuma questão litigiosa que não possa ser resolvida mediante negociações e acordos para fortalecer a segurança internacional, debilitar a tensão entre as nações e assegurar a coexistência pacífica dos Estados, independentemente de seu regime social.

A Conferência de Genebra e os resultados de seus trabalhos mostraram o importante papel que corresponde na solução dos problemas internacionais em litígio ao grande povo chinês e a seu Estado: a República Popular Chinesa. O papel da República Popular Chinesa na Conferência de Genebra foi um novo testemunho de sua influência e de seu prestígio internacional como grande potência. A Conferência de Genebra mostrou também uma vez mais que as tentativas feitas pelos círculos agressivos de alguns Estados, e antes de tudo dos EE.UU., para afastar a República Popular Chinesa da participação na solução de importantíssimos problemas internacionais estão em plena contradição com os interesses do fortalecimento da paz.

O Governo Soviético estima que os acordos conseguidos em Genebra sobre a suspensão do fogo e o restabelecimento da paz na Indo-China, ao contribuir para a diminuição da tensão internacional, criam condições favoráveis para solucionar outras importantes questões internacionais pendentes de solução que afetam não somente a Ásia, como também a Europa, em primeiro lugar a cessação da corrida armamentista e a interdição da arma atômica, a garantia da segurança coletiva na Europa e a solução do problema alemão sobre uma base pacífica e democrática.

O Governo Soviético declara que, segundo invariavelmente sua política de paz, continuará seus esforços com toda tenacidade e decisão a fim de resolver com êxito estes problemas, o que constituiria, indubitavelmente, um passo da maior importância no caminho do alívio da tensão internacional, do fortalecimento da paz e da colaboração internacional.

DECLARAÇÃO FINAL

adotada em 21 de julho de 1954 pela Conferência de Genebra sobre o problema do restabelecimento da paz na Indo-China, na qual tomaram parte representantes do Camboja, do Estado do Viet-Nam, dos Estados Unidos da América, da França, do Laos, da República Democrática do Viet-Nam, da República Popular Chinesa, do Reino Unido e da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

cessação das hostilidades no Viet-Nam, em virtude das quais não poderá ser instalada nenhuma base militar de Estados estrangeiros nas zonas de reagrupação de ambas as partes, exigindo-se destas que as zonas que lhes foram atribuídas não participem em nenhuma aliança militar e não sejam utilizadas para recomeçar operações militares ou servir a uma política agressiva.

A Conferência toma em consideração também as declarações dos governos do Camboja e do Laos, em virtude das quais estes não aderirão a nenhum acordo com outros Estados se dito acordo implicar na obrigação de participar numa aliança militar que não concorde com os princípios da Carta das Nações Unidas, ou, no que se refere ao Laos, com os princípios do acordo sobre a cessação das hostilidades no Laos, ou não criarão, enquanto sua segurança não se encontrar ameaçada, bases para as forças armadas das potências estrangeiras nos territórios do Camboja ou de Laos.

6 A CONFERÊNCIA constata que o acordo relativo ao Viet-Nam tem como objetivo fundamental regulamentar as questões militares, com o objetivo de pôr fim às hostilidades, e que a linha de demarcação militar é provisória e não pode ser considerada de modo algum como uma fronteira política ou territorial. A Conferência expressa a segurança de que a aplicação das cláusulas estipuladas na presente declaração e no acordo sobre a cessação das hostilidades

criará as premissas necessárias para efetuar em breve a regulamentação política no Viet-Nam.

7 A CONFERÊNCIA declara que, no que se refere ao Viet-Nam, a regulamentação dos problemas políticos, realizada sobre a base do respeito aos princípios da independência, da unidade e da integridade territorial, deve dar ao povo vietnamita a possibilidade de desfrutar as liberdades fundamentais garantidas por instituições democráticas criadas como resultado de eleições gerais mediante votação secreta. Para que o estabelecimento da paz registre um progresso suficiente e para que sejam criadas todas as condições necessárias que tornem possível a expressão livre da vontade nacional, realizar-se-ão eleições gerais no curso do mês de julho de 1956, sob o controle de uma Comissão Internacional integrada por representantes dos Estados membros da Comissão Internacional de observação e controle prevista no acordo sobre a cessação das hostilidades. A este respeito, a partir de 20 de julho de 1955, verificar-se-ão consultas entre as autoridades representativas competentes de ambas as zonas.

8 AS CLÁUSULAS dos acordos sobre a cessação das hostilidades tendentes a assegurar a proteção de pessoas e bens deverão ser cumpridas do modo o mais estrito e, em particular, facilitar a cada pessoa no Viet-Nam a possibilidade de escolher livremente a zona em que queira viver.

Declaração de Pham Van Dong feita a 21 de julho de 1954 na Conferência de Genebra

A CONFERÊNCIA de Genebra termina com assinatura dos acordos que põem fim às operações militares na Indo-China.

Isto representa uma grande vitória dos povos da República Democrática do Viet-Nam e dos países da Indo-China, do povo da França e dos povos da Ásia, uma grande vitória dos povos amantes da paz.

Isto constitui uma grande vitória da causa da paz. A feliz conclusão da Conferência de Genebra sobre o problema da Indo-China é mais uma prova da possibilidade de resolver todos os litígios e todos os conflitos internacionais, inclusive os mais graves, por meio de negociações. A conclusão da paz na Indo-China à base do reconhecimento dos direitos nacionais de seus povos é uma vitória dos povos oprimidos, que levantam bem alto a bandeira da luta pela independência nacional e as liberdades democráticas.

Em nome do povo e do governo da República Democrática do Viet-Nam, a delegação da República Democrática do Viet-Nam expressa seu fervoroso reconhecimento a todas as potências participantes desta Conferência, a todos os povos e governos que desejam a paz e que contribuiram em maior ou menor grau para a obtenção da paz, pela qual nosso povo vinha lutando heróicamente durante oito anos.

Foi dado um grande passo. Restam outros para serem dados. Deveremos restabelecer uma paz firme e duradoura na Indo-China mediante a solução dos problemas políticos, entre os quais figura em primeiro lugar a realização da unidade nacional de nosso povo por meio de eleições, isto é, por meio da paz e da democracia.

Por outro lado, deveremos restaurar nosso país, devastado por uma guerra prolongada, e impulsionar as reformas democráticas, desenvolver a economia, a cultura, e tudo isto como o fim de elevar o nível de vida material e cultural de nosso povo.

No cumprimento destas tarefas que já se apresentam, necessitaremos da simpatia, apoio e ajuda de nossos amigos, a colaboração dos povos do Sudeste da Ásia e de toda a Ásia à base do respeito mútuo da soberania e da integridade territorial, à base da não agressão e da não intervenção nos assuntos internos de cada parte, da igualdade e das vantagens mútuas, da coexistência pacífica e das boas relações com todos os países do mundo em particular com a França, país conhecido por suas grandes tradições de luta em prol da liberdade. A República Democrática do Viet-Nam deseja ardentemente o estabelecimento de relações baseadas na confian-

ça e na amizade, muito necessárias para restabelecer a paz na Indo-China e para resolver todos os problemas compreendidos nos acordos de solução pacífica.

Concedemos grande significação ao problema do estabelecimento de relações econômicas e culturais com a França, baseadas na igualdade e nos interesses comuns.

Necessitamos da paz para realizar a unidade de nosso país e empreender o trabalho de reconstrução. Cumprimos de forma exata e leal todos os artigos dos acordos que assinamos. Esperamos, que as demais partes interessadas procederão de igual modo. Necessitamos muito que a paz que acaba de ser obtida se mantenha e fortaleça.

Nossos ardentes votos dirigem-se ao povo de nosso país, ao nosso povo transbordante de amor à pátria, cheio de coragem na guerra, que estará também cheio de amor a seu país e de audácia no período de paz que começa. A Conferência fixou uma rota para a realização da unificação de nosso país. Realizaremos esta unidade, conseguiremos assim como ganhamos a guerra. Não existe nenhuma força ao mundo interna ou externa, capaz de nos desviar de nossa marcha para a unidade pela paz e a democracia. Assim será completamente restabelecida nossa independência nacional.

Povo do Viet-Nam, se corajoso! Compatriotas do Sul, conservai a esperança! Os homens que se pronunciam pela paz e a justiça estão de todo coração conosco. Recordai as palavras do Presidente Ho Chi Minh: a luta é dura, mas afinal de contas venceremos.

Viva a paz!
Viva a unidade de nosso país!

9 AS AUTORIDADES representativas competentes das zonas do Norte e do Sul do Viet-Nam e as autoridades do Laos e do Camboja não deverão permitir a perseguição individual ou coletiva das pessoas ou de membros de suas famílias que tenham colaborado de algum modo com uma das partes durante a guerra.

10 A CONFERÊNCIA toma em consideração a declaração do Governo da República Francesa, na qual este manifesta estar disposto a retirar suas tropas do território do Camboja, do Laos e do Viet-Nam por solicitação dos governos interessados e nos prazos que sejam fixados de comum acordo entre as partes, a exceção dos casos em que por acordo entre as duas partes possa ser mantida certa quantidade de tropas francesas em pontos e por prazos determinados.

11 A CONFERÊNCIA toma em consideração a declaração do Governo francês de que, na regulamentação de todos os problemas relacionados com o restabelecimento e a consolidação da paz no Camboja, no Laos e no Viet-Nam, se baseará no respeito à independência e à soberania e à integridade territorial do Camboja, do Laos e do Viet-Nam.

12 Em suas relações com o Camboja, o Laos e o Viet-Nam, cada um dos participantes na Conferência de Genebra se compromete a respeitar a soberania, a independência, a unidade e a integridade territorial dos Estados mencionados e abster-se de toda ingerência em seus assuntos internos.

13 OS PARTICIPANTES da Conferência concordam em consultar-se sobre qualquer questão que lhes seja transmitida pelas Comissões internacionais de observação e controle, a fim de examinar as medidas que possam ser necessárias para assegurar o cumprimento dos acordos sobre a cessação das hostilidades no Camboja, no Laos e no Viet-Nam.